UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

SAULO BARRETO LIMA FERNANDES

GEORGE ORWELL: a literatura contra o totalitarismo

SÃO LUÍS
2024

SAULO BARRETO LIMA FERNANDES

GEORGE ORWELL: a literatura contra o totalitarismo

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido para obtenção do grau de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Rodrigues De Sousa

SÃO LUÍS
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Fernandes, Saulo Barreto Lima.
GEORGE ORWELL : a literatura contra o totalitarismo / Saulo Barreto Lima Fernandes. - 2024.
79 f.

Orientador(a): Douglas Rodrigues De Sousa.
Monografia (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. George Orwell. 2. História. 3. Literatura. 4. Totalitarismo. I. De Sousa, Douglas Rodrigues. II. Título.

SAULO BARRETO LIMA FERNANDES

GEORGE ORWELL: a literatura contra o totalitarismo

Aprovado em 03 de outubro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Douglas Rodrigues De Sousa (UEMA)

ORIENTADOR

_____

Profa. Dra. Fernanda Rodrigues Galve (UFMA)

1ª EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Antonia da Silva Mota (UFMA)

2ª EXAMINADORA

A tentativa de trazer o céu para a terra
invariavelmente produz o inferno.

Karl Popper

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A todo o corpo técnico e docentes da instituição UFMA que nos favoreceu condições para tivéssemos prosseguimento do curso mesmo sob o ocorrência da pandemia provocada pelo Covid-19.

Agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Dr. Douglas Rodrigues De Sousa por ter aceitado a orientação desta.

Aos (às) docentes, em especial, as professoras doutoras Fernanda Rodrigues Galve e Antonia Da Silva Mota que participaram da Banca de Defesa por suas disponibilidades em ler este trabalho, além de todos (as) os (as) outros (as) que ministraram as disciplinas (presencias e *on-line*) com irrefutável segurança nos enriquecendo o conhecimento.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como objetivo principal demonstrar como o escritor britânico George Orwell concebia e se posicionava contra todo e qualquer tipo de anomalia política e social que colocasse em risco a liberdade humana no século XX. A literatura orwelliana abrange os mais diversos gêneros no campo da prosa. Ensaios, resenhas, crônicas, cartas, diários, ficção. Em praticamente todos eles fica patente uma forte crítica social de seu tempo. Na maioria dessas produções o autor acaba abordando o assunto que parece ser o cerne de toda a problemática apresentada, o combate ao totalitarismo e de como governos como esses submetem, aos seus povos, graves violações aos direitos fundamentais humanos. Dessa forma buscaremos demonstrar como Orwell se posicionou contra toda forma política que extrapolasse suas prerrogativas democráticas, não só atuando no campo intelectual, mas, muitas das vezes de maneira efetiva e prática. Essa característica pessoal acabou fazendo com que não se tornasse um mero espectador, mas um importante agente modificador da realidade em que vive.

Palavras-chave: George Orwell; Totalitarismo; História; Literatura.

ABSTRACT

This research aims to demonstrate how the British writer George Orwell conceived and positioned himself against any political and social anomaly that jeopardized human freedom in the 20th century. Orwell's literature encompasses various genres in prose. Essays, reviews, chronicles, letters, diaries, fiction - in almost all of them, a strong social critique of his time is evident. In most of these works, the author addresses the issue that seems to be at the core of the problem presented, the fight against totalitarianism and how governments like these subject their people to serious violations of fundamental human rights. We will show how Orwell positioned himself against any political form that exceeded its democratic prerogatives, not only acting in the intellectual field but often in an effective and practical manner. This personal characteristic made him not just a mere spectator but an important agent of change in the reality he lived in.

Keywords: *George Orwell; Totalitarianism; History; Literature.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....09

2. TOTALITARISMO: Uma realidade (ainda) inconveniente.....13

2.1 Totalitarismo X Literatura; Literatura X Totalitarismo.....13
2.2 *1984*: a representação ficcional pura de um Estado Totalitário.....21

3. FASCISMOS "TIPO EXPORTAÇÃO".....32

3.1 Orwell pela não banalização do termo "fascismo".....32
3.2 Nazi-fascismo: Orwell contra Hitler.....40
3.3 Stálin *venceu* o fascismo?.....47

4. ORWELL MILITANTE: a vida nada convencional de um intelectual engajado.....56

4.1 Aspectos biográficos e militância.....56
4.2 Um miliciano contra o fascismo espanhol.....64

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....73

REFERÊNCIAS.....76

1. INTRODUÇÃO

É quase natural entre aqueles que atuam no campo da política a busca incessante não só pelo poder, sobretudo, muitas das vezes, visando a sua permanência a qualquer custo. Essa mentalidade distorcida da política têm levados muitos a tomar medidas nada convencionais no sentido de consolidar a constância desse intento mesmo que isso custe o sacrífico dos direitos civis conquistados pela coletividade séculos a fio.

O que mais se tem percebido é que uma parcela considerável tem almejado se apropriar de todo o aparato estatal e bens públicos como se seus fossem, como se existissem não para beneficiar o "bem comum" mas como uma forma de lhes servirem (a si e os seus). Isso sem falar que todo esse domínio se apresenta como um forte instrumento de controle social e preservação daquele grupo político no poder muitas das vezes sem tolerância com o pensamento divergente e com outras formas de governo. Assumem o controle total dos bens do Estado tornando o que era pra ser público em um "bem privado" a serviço do *establishment* representado por uma casta privilegiada minoritária.

Este fenômeno não se restringe aos períodos remotos, em que o "controle externo" era escasso e as instituições não possuíam prerrogativas suficientes para atuar como "contrapeso" aos poderes em situações de abuso. Infelizmente a problemática persiste nos dias atuais, exigindo medidas de controle e regulamentação mais eficazes para conter possíveis excessos de autoridade.

Por conta disso há muito tempo – bem como até hoje – é muito comum pensadores escreverem acerca de como os dirigentes deveriam se comportar mediante estarem investidos de cargos de liderança política. Várias obras foram produzidas nesse sentido sejam nas mais variadas épocas. Dentre elas destacam-se a obra "A Nicoclés" escrito por Isócrates (436 – 338 a.C.) que nada mais é do que uma compilação de quinze recomendações de como deveria se comportar o novo rei diante da morte de seu pai.

O filósofo grego Platão (427 – 348 a.C.) também foi um dos que se debruçou sobre o tema em uma carta intitulada "Aos parentes e amigos de Dião" buscou fazer as mesmas considerações do pensador antecessor sob a mesma circunstância. Entre os mais recentes, pode-se citar ainda o filósofo holandês Erasmo de Roterdã (1469 – 1536) que em meio à instabilidade política de seu tempo, em um contexto de monarquias hereditárias, escreveu "A Educação de um Príncipe Cristão".

Contudo, sem dúvidas a obra mais emblemática fica por conta dos estudos

empreendidos pelo italiano do século XVI Nicolau Maquiavel (1469 – 1527). Esse pensador foi uma espécie de polímata da sua época atuando nos mais diversos campos do conhecimento e das artes. Pelo respeito amealhado diante de seus relacionamentos estreitos com a elite política de sua época auferiu cargos políticos de grande relevância. Contudo seu principal legado fora escrever a obra "O Príncipe" (1532) referência básica para todo e qualquer campo que aborde cientificamente os meandros da busca pelo poder. Nessa obra o autor desenvolve os conceitos de "virtú" e "fortuna" que, na sua visão, essenciais para exercício duradouro como chefe político, tratando principalmente de recomendações dedicadas à Lorenzo de Médici de como este deveria governar. Mas seu pensamento não se resumia somente a um livro específico.

Em "Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio" já alertava o "ponto de combustão" que a "natureza humana" somada a "tomada de poder" poderia provocar:

> É preciso considerar, também, que quanto mais um indivíduo possui, mais aumenta o seu poder; é mais fácil para ele provocar alterações da ordem. E, o que é bem mais funesto, sua ambição desenfreada acende o desejo de posse no coração dos que não o tinham, seja como vingança, para despojar os inimigos, seja para compartilhar as honrarias e riquezas de que querem fazer uso ilícito (Maquiavel, 2008, p. 35).

Essa intenção acaba sendo compreensível em se tratando da índole humana, afinal de contas já defendia o inglês Thomas Hobbes (1588 – 1679) que o homem seria portador de uma espécie de "mal inato" que o faz, pois, segundo sua concepção, ser passível a fazer uso de "seu próprio poder, da maneira que quiser, para a preservação de sua própria natureza, ou seja, de sua vida; e consequentemente de fazer tudo aquilo que seu próprio julgamento e razão lhe indiquem como meios adequados a esse fim" (Hobbes, 1999, p. 89). Levando em consideração os predecessores, se apropriar de uma instituição nobre e cara à coletividade que levou tempos para ser instituída como forma de impor suas vontades chega a ser amedrontador. A política, nesse caso, segundo a tese hobbesiana, funcionaria como uma espécie de fator "potencializador" do que se encontra incutido intrinsecamente no âmago humano.

O filósofo iluminista e barão francês Charles de Montesquieu do século XVII, por sua vez, só veio atestar os que seus precedentes estavam conjecturando: "Só existe [liberdade política] quando não se abusa do poder; mas trata-se de uma experiência eterna que todo homem que possui poder é levado a dele abusar; ele vai até onde encontra limites [...]" (Montesquieu, 1993, p. 170). Isso visto uma das formas mais eficazes de impor "limites" é através da consciência do povo, pois o que constrói e molda essa consciência é o conhecimento, e em grande parte, a literatura. Através deles é que são capazes de

iluminar as mentes em defender suas existências através de seus direitos inatos afinal de contas “todo poder emana do povo” diz o preceito constitucional presente nas maioria da constituições democráticas.

Contudo, ao que tudo indica, é que todas essas recomendações parecem ter sido desprezadas diante das décadas seguintes. Recentemente na transição do século XIX para o XX com todas as suas convulsões mediante a ascensão de avanços imperialistas (neocolonialismo), instalação de governos totalitários, duas guerras mundiais, desenvolvimento e lançamento de bomba atômica, Guerra Fria, que ao final de tudo, resultou na aniquilação em massa de milhões de pessoas além de desencadear fortes crises sociais a nível global.

E foi justamente em meio a toda essa confluência que emerge a figura de Eric Arthur Blair (1903-50), que embora inglês, nasceu na Birmânia, uma colônia britânica na Índia. E partir dessa condição começou a desenvolver seu raciocínio crítico para o que é justo ou injusto. Foi contemporâneo e viu ascensão e queda de algumas figuras históricas criticadas, sem ressalvas, por ele. Observador privilegiado de seu tempo a forma escolhidas de difundir suas ideias e se expressar desde cedo foi na literatura, campo do qual era profundo conhecedor, inclusive atuando como resenhista, crítico literário, estudioso da linguagem, etc.

Isso visto, temos portanto como objetivo principal analisar como George Orwell – seu nome literário – tanto na sua produção ficcional, como nos seus ensaios, buscou criticar todas essas formas distorções e de como ele entendia a importância de levantar essas discussões como uma forma de chancelar sua condição como escritor.

No capítulo 2, portanto, de título: “Totalitarismo: Uma Realidade (Ainda) Inconveniente” será abordado um breve histórico de como os autores clássicos lidavam e percebiam essa maneira “distorcida” de governos. Paralelo a isso exporemos as considerações iniciais de Orwell a respeito desse fenômeno sem deixar de traçar um diálogo com o papel da literatura nesse tocante em específico. Ainda nesta parte trataremos acerca da sua principal obra “1984”, que se apresenta como a representação ficcional do autor com relação a um Estado dotado de poderes totalizantes em seus mecanismos empregados e de como isso poderá ser nocivo as conquistas humanas face a instalação de um governo como esse viés no futuro.

No capítulo 3, por sua vez, será tratado as considerações gerais de Orwell concernentes ao fascismo em si além de sua posição crítica para com a forma negligente que o termo vem sendo usado. Além disso veremos como ele entendia as principais

lideranças emergentes do século XX em especial nas figuras de Mussolini, Hitler e Stálin, que de uma forma ou outra, tentaram implantar uma forma totalitária de governar.

No quarto e último capítulo finalizaremos com um breve histórico da vida do autor e de como a sua realidade foi moldando sua visão crítica acerca do mundo em que vive, em outras palavras como se utilizou de sua arte para se portar como uma espécie de "porta-voz" das classes menos favorecidas. Nossa hipótese é que essa condição teve o afã de conduzi-lo para que vivenciasse não só experimentos sociais "na pele" para depois denunciá-lo, e de como essa condição somada as suas posições políticas contribuiu para que ele partisse para confronto físico. Esse momento a qual nos referimos trata-se da Guerra Civil espanhola, finalizando esta presente investigação mediante sua ativa participação no conflito que quase ceifou-lhe a vida e que rendeu citações diversas e um dos seus trabalhos mais instigantes, por assim dizer.

2. TOTALITARISMO: UMA REALIDADE (AINDA) INCONVENIENTE

2.1 Totalitarismo X Literatura; Literatura X Totalitarismo

Nos últimos tempos termos como “fascismo”, “ditadura”, “antidemocrático” vêm amplamente sendo utilizados como forma de denunciar ameaças a tão prezada Democracia. Comumente expressões como essas são associadas à governantes e governos que operam ou tendem a exercer seus poderes baseados na concentração de tomada de decisões na figura de um só líder político, grupo ou ente estabelecido. Alguns, tendem a tratar advertências como essas como “coisas do passado”, mas, infelizmente não são.

A busca pelo poder ilimitado – em especial numa sociedade hierarquizada – tem encorajado a organização e consolidação de certos sistemas políticos com tendências hegemônicas e sem limites de atuação onde figuras contemporâneas assumem o controle “total” das coisas, das instituições e das pessoas. É o poder levado a sua última consequência, em outras palavras, na sua “totalidade”, irrestrito, sem oposição, isento de controle de outras entidades onde seus líderes e dirigentes farão de tudo para consolidar a sua manutenção.

Governos com tendências hegemônicas e/ou totalitárias sempre foram objetos de estudo em se tratando dos campos da Filosofia Política Clássica, História, Ciência Política, Sociologia Política. Classificações como “oligarquia”, “monarquia”, “despotismo”, “absolutismo” e mais comumente “tirania” foram, ao longo da construção do conhecimento humano, criticados efusivamente como contraponto ao sistema de governo mais viável atualmente – a Democracia. Embora eivado de imperfectibilidades o chamado “governo da maioria” é o regime político – defendido por muitos – como o mais próximo do ideal.

Isso visto, a preocupação diante da instalação de governos despóticos não é coisa recente. E o mais grave é que, embora tenham sidos amplamente discutidos e criticados ao longo da história, governos autoritários pululam, com certa frequência, na contemporaneidade. Já na antiguidade Aristóteles, filósofo grego nascido a 384 a.C., tratou de classificar as formas de governo de seu tempo. Foram categorizadas as formas “puras” e “impuras” desses modelos. A forma “pura” seria o ideal. Na perspectiva aristotélica as três formas principais desse sistema seriam, portanto, a Monarquia (governo de um só), a Aristocracia (governo de um grupo) e por fim, a Democracia (governo da maioria). As suas formas “impuras”, por sua vez, seriam os modos

distorcidos desses modelos. A primeira, poderia degringolar na “Tirania”; a segunda, na “Oligarquia” e a terceira na “Demagogia”.

Para melhor embasamento de nossa proposta, portanto, focaremos na primeira “Tirania” que é o poder exercido por um só governante, em outras palavras a forma impura da “Monarquia”. Dentre as três espécies de tiranias classificadas pelo filósofo há aquela que ele define como a mais preocupante:

> Uma terceira espécie de tirania é a que mais propriamente parece sê-lo, dado que corresponde à tirania concebida de *modo absoluto*. É a uma tirania deste gênero que corresponde necessariamente uma *monarquia* cujo governante exerce, de forma inimputável, um poder absoluto sobre cidadãos que são semelhantes, ou mesmo superiores a ele, tendo apenas em vista o interesse pessoal e não as aspirações dos súbditos cuja vontade é contrariada; nenhum homem livre suporta de ânimo leve uma tal autoridade (Aristóteles, 1998, p. 309, grifos nossos).

Com efeito, como visto, o filósofo faz uso aqui do termo “modo absoluto”, porque não dizer, “totalitário” haja vista a tendência clara em se atender os interesses próprios de seu grupo. Isso tudo em detrimento, que para os demais, restarão o padecimento de todas as mazelas que a omissão estatal pode acarretar à sua população tornando assim penoso e indigno o exercício da cidadania e da vida civil. Outra ressalva importante a se fazer diz respeito a citação do termo “monarquia” na qual o prefixo “mono” refere-se notadamente a “um”. Segundo a tese aristotélica presume-se que ao fazer uso do termo “monarquia” ele não se refere exclusivamente ao governos de “reis” ou “monarcas”, mas, sobretudo aqueles que exercem o poder representado somente em uma única pessoa. Sem falar que esse sistema de governo, era na época antiga, a forma mais palatável de exemplificar essa relação ao qual o mesmo se propôs em se debruçar.

Alguns séculos depois o inglês John Locke, um outro filósofo nascido mais precisamente no ano de 1632, também tratou de debater tão instigante assunto. Conhecido pensador que ao lado de Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau, os chamados de defensores da corrente contratualista, na qual através do chamado Pacto Social a maioria condescende em abdicar alguns de seus direitos em função de um grupo que os representem legitimamente designado para isso.

No seu capítulo XVIII que trata “Da Tirania”, de seu livro “Segundo tratado sobre o governo civil” (1689) , Locke veio demonstrar que a discussão acerca do tema travada anteriormente por Aristóteles estava longe de ser superada. Havia muito ainda o que se discutir e o termo “tirania” vem à tona novamente.

> Assim como a usurpação consiste em exercer um poder a que um outro tem direito, a tirania consiste em exercer o poder além do direito legítimo, o que a

> ninguém poderia ser permitido. É isto que ocorre cada vez que alguém faz uso do poder que detém, não para o bem daqueles sobre os quais ele o exerce, mas para sua vantagem pessoal e particular; quando o governante, mesmo autorizado, governa segundo sua vontade, e não segundo as leis, e suas ordens e ações não são dirigidas à preservação das propriedades de seu povo, mas à satisfação de sua própria ambição, vingança, cobiça ou qualquer outra paixão irregular (Locke, 1994, p. 206).

Essa observação é importante ao demonstrar que embora legítimo, delegado, consubstanciado através da vontade popular, isso não dá o direito àquele representante em ultrapassar a linha da civilidade impostas pelas leis, pela moralidade e razoabilidade. Agir para além daquilo que lhe foi permitido como se fosse "detentor" do governo e que as coisas estatais foram feitas para lhes servir decerto abre um precedente para um futuro nada promissor. A extrapolação unilateral do direito que lhe foi concedido no sentido de atender interesses próprios em detrimento do abandono dos anseios populares, da coisa pública é um dos sintomas que caracterizam a tirania segundo Locke.

A seguir o pensador inglês faz questão de destacar que essa tendência não é exclusiva da monarquia. Isso porque essa forma de governo, na sua época, já apresentava bastante desgastada e vinha a desaparecer nos séculos seguintes sofrendo grandes reveses nas revoluções vindouras como na Revolução Francesa (de caráter burguês), na Revolução Gloriosa ou Inglesa e depois nas "revoluções proletárias" como no caso do que ocorreu na Rússia czarista. Essa ressalva corrobora de certa forma com seu antecessor grego, que ao se referir à monarquia, tratou de inserir outras formas de governo na sua explanação.

> É um erro acreditar que este defeito [a tirania] é exclusivo apenas das monarquias; outras formas de governo também podem estar propensas a possuí-lo. Cada vez que um poder, colocado nas mãos de alguém que deve governar o povo e preservar suas propriedades, é aplicado para outros objetivos e é utilizado para empobrecer, perseguir ou subjugar o povo às ordens irregulares e arbitrárias daqueles que o detêm, imediatamente se transforma em uma tirania, seja este abuso cometido por um ou mais homens. Por exemplo, podemos ler a história dos trinta tiranos de Atenas ou aquela de um tirano único em Siracusa; e a intolerável dominação dos decênviros em Roma não foi nada melhor (Locke, 1994, p. 207).

Esse pensamento sinaliza que independente do termo que se dê a premissa é a mesma – a de um governo autocrático concentrado nas mãos de poucos com tendências claras de se tornar em um sistema totalitário. Isso visto, percebe-se, portanto, um "duplo sentido" nessa questão. Uma de se locupletar com bens estatais em paralelo ao abatimento do povo em todos os sentidos, tomando-os agora como "inimigos" enfraquecendo-os no sentido de desencorajar qualquer tipo de reação ou insurgimento possível face as decisões unilaterais do governo opressor. Ao fim Locke destaca a importância de atentar-se a

alguns exemplos da história (como os que ocorreram em Atenas e em Roma) no sentido de compreender como governos passados tirânicos foram possíveis. Isso tudo no afã de abstrair lições de como lidar com eles caso estejam em curso e sobretudo, como forma de evitá-los.

Superadas, pois, essa breve, mas necessária contextualização, chegamos ao século XX, um período marcado por profundas transformações. Embora seja um período crucial para consolidação da democracia em várias nações; essa tendência tirânica de governar em determinados lugares foi se transmutando ora com menos, ora mais intensidade. Em alguns casos os Direitos Humanos foram suplantados a olhos vistos, e os retrocessos humanísticos desencadearam efeitos até os dias de hoje percebidos. Nesse período a ascensão de governos autoritários desencadearam a polarização de blocos econômicos que degringolou em duas guerras mundiais na qual, está última, só chegou a um desfecho somente depois do despejo da bombas atômicas em Hiroshima e depois em Nagasaki pelos EUA.

Isso visto fica claro entender porque o historiador Eric Hobsbawm (1995, p. 30) classificou esse período como "Era da Catástrofe":

> A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas das guerras mundiais, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o breve século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. Sua história e, mais especificamente, a história de sua era inicial de colapso e catástrofe devem começar com a da guerra mundial de 31 anos.

Nesse contexto mais contemporâneo, emerge pois a cientista política Hannah Arendt que através de seus estudos passa a fazer importantes considerações nesse tocante em específico. Assim, como contemporânea de George Orwell, tendo nascido ambos no início do século XX, acompanhou todo esse processo como observadores privilegiados. Porém antes de adentrar na sua visão particular sobre totalitarismo, e de ser reconhecida como uma das maiores estudiosas do assunto vale ressaltar que não é atribuído a ela a criação do termo em questão, que tempos depois passaria a ser estudado pela mesma com tamanha ênfase. "O termo 'totalitarismo' foi introduzido por Giovanni Amendola, em 1923, para se referir ao processo de concentração do poder social nas mãos de um Governo controlado por um indivíduo, camarilha ou grupo político com aparência formal de partido [...]" (Rivas, 2012, s/p).

Feito o devido adendo, outra questão pertinente a se fazer é que há um regime em especial que figurou como recorte predominante nas pesquisas da intelectual judia – o

nazismo. Entretanto Arendt fez considerações sobre as mais diversas formas de estados totalitários que alçaram ao poder na sua época. Escreveu várias obras nesse sentido: “As Origens do Totalitarismo” (1951), “A Condição Humana” (1958), “Eichmann em Jerusalém” (1963), “Sobre a Violência” (1970) entre outros. Nesta penúltima obra foi onde Arendt cunhou o famoso termo “Banalidade do mal”.

Com relação especificamente ao totalitarismo sua tese reside no fato de que esse fenômeno, ao contrário do que possa imaginar o senso comum, é de que sua instalação não parte de um único sujeito (de “cima para baixo”). Muito pelo contrário: ela defende que sua base principal tem início em seres individualizados (de “baixo para cima”) que se unem justamente em prol de um ideal que encontra representação, por sua vez, na figura de um líder.

> Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual. Essa exigência é feita pelos líderes dos movimentos totalitários mesmo antes de tomarem o poder e decorre da alegação, já contida em sua ideologia, de que a organização abrangerá, no devido tempo, toda a raça humana. Contudo, onde o governo totalitário não é preparado por um movimento totalitário (como foi o caso da Rússia em contraposição com a Alemanha nazista), o movimento tem de ser organizado depois, e as condições para o seu crescimento têm de ser artificialmente criadas de modo a possibilitar a lealdade total que é a base psicológica do domínio total. Não se pode esperar essa lealdade a não ser de seres humanos completamente isolados que, desprovidos de outros laços sociais – de família, amizade, camaradagem – só adquirem o sentido de terem lugar neste mundo quando participam de um movimento, pertencem ao partido (Arendt, 1989, p. 373).

Dessa forma percebe-se como Arendt assume uma visão um pouco mais específica em relação aos seus antecessores estudados. Ela vai além, na qual acaba chamando atenção para o quesito “massas” e não somente para o “meio externo” como diz. A autora destaca como agente ativo as massas de certa forma corresponsáveis pelas atitudes totalitárias e que isso é um passo fundamental para atingi-los internamente. Assim sendo, o líder totalitário nada mais é do que um resultado de uma fonte legitimadora que veem nele a oportunidade de pôr em prática os anseios intrínsecos de uma maioria. Nas suas palavras um “funcionário das massas” que fará tudo aquilo que ecoa da vontade popular. Somente depois – sendo legitimamente apoiado pela massa – é que um movimento totalitário se organiza e toma impulso mediante claro oportunismo de seu líder. Consubstanciado sob esse “acordo” o ditador se vê livre, em posse do poder total, para pôr em prática seus intentos para além do que foi permitido pela própria massa.

> O totalitarismo jamais se contenta em governar por meios externos, ou seja, através do Estado e de uma máquina de violência; graças à sua ideologia

> peculiar e ao papel dessa ideologia no aparelho de coação, o totalitarismo descobriu um meio de subjugar e aterrorizar os seres humanos internamente. Neste sentido, elimina a distância entre governantes e governados e estabelece uma situação na qual o poder e o desejo de poder, tal como os entendemos, não representam papel algum ou, na melhor das hipóteses, têm um papel secundário. Essencialmente, o líder totalitário é nada mais e nada menos que o funcionário das massas que dirige; não é um indivíduo sedento de poder impondo aos seus governados uma vontade tirânica e arbitrária. Como simples funcionário, pode ser substituído a qualquer momento e depende tanto do "desejo" das massas que ele incorpora, como as massas dependem dele. Sem ele, elas não teriam representação externa e não passariam de um bando amorfo; sem as massas, o líder seria uma nulidade (Arendt, 1989, p. 375).

Assim depreende-se como é equivocado centrar o totalitarismo como sendo resultado dos esforços de uma única pessoa. Ele figura somente como o "rosto" do movimento. Sua premissa é relevante pelo fato de agora alertar aos críticos no sentido de não focarem no combate somente na figura que incorpora esses sistemas, mas sobretudo as suas bases fundantes. Até se chegar a esse ponto uma série de outras variáveis contribuíram para tanto devendo portanto atentar-se: "[...] a multiplicidade das correias que acionam o sistema e a confusão da hierarquia asseguram a completa independência do ditador em relação a todos os subordinados e possibilitam as súbitas e surpreendentes mudanças de política pelas quais o totalitarismo é famoso [...]" (Arendt, 1989, p. 458), conclui. Deve-se principalmente se atentar a "dominação interna" e "base psicológica", controle de mentes e enviesamento de pensamentos, sobretudo os divergentes.

Dessa forma chegamos a um dos principais pilares quando um sistema desse viés está em curso. "A censura é a mais forte arma que os regimes totalitários têm utilizado, desde a Antiguidade, para impedir a propagação de ideias que podem pôr em dúvida a organização do Poder e o seu direito sobre a sociedade" (Novinsky, 2002, p. 25). Não por acaso reside aqui um dos pressupostos do corrente trabalho. G. Orwell como intelectual e testemunha do século XX tenha se revoltado contra toda e qualquer forma de supressão da liberdade individual e de controle das mentes humanas.

A abolição das artes em geral, da literatura, dos livros, do pensamento livre são alguns dos principais alvos de sistemas hegemônicos, notadamente, por sua capacidade de fazer o povo desenvolver a capacidade de se atentar aquilo que este sendo arquitetado nos bastidores. Não por acaso em várias partes do mundo e culturas distintas regimes como esses promoveram sucessivas queimas de livros como espetáculos públicos. Houve também algo semelhante com a promulgação do *Index Librorum Prohibitorum* (Índice dos Livros Proibidos) quando a Igreja Católica Apostólica Romana possuía certa hegemonia na Idade Média, sem falar do que ocorreu com a chamada Revolução Cultural na china maoísta o que não foi muito diferente. Nela havia a chamada Guarda Vermelha

responsável por perseguir intelectuais e professores que ainda não se achavam "alinhados" com as ideias do "líder supremo" Mao Tsé-Tung.

No artigo "Literatura e totalitarismo" Orwell afirma:

> Todas as evidências que temos sugerem que as mudanças emocionais repentinas que o totalitarismo exige de seus seguidores são psicologicamente impossíveis. E essa é a principal razão pela qual sugiro que, se o totalitarismo triunfar no mundo inteiro, a literatura, como a conhecemos, está no fim. E, de fato, o totalitarismo parece ter tido esse efeito até agora. Na Itália, a literatura tem sido aleijada e na Alemanha, parece ter quase cessado. A atividade mais característica dos nazistas é a queima de livros. E mesmo na Rússia, o renascimento literário que antes esperávamos não aconteceu e os escritores russos mais promissores mostram uma marcada tendência a cometer suicídio ou desaparecer na prisão (Orwell, 2021d, p. 26).

Nesse tocante, a título de ilustração, vale trazer à baila também um dos principais elementos presentes na obra distópica *Farenheit 451* (1953) de Ray Bradbury, no qual chegou-se um tempo em que era proibido ter livros em casa sendo que esse patrulhamento ficava ao encargo dos bombeiros. Essa observação evidencia o absurdo que uma distopia pode provocar colocando em lados dicotômicos a delegação aos agentes públicos como responsáveis por incendiar livros ao passo que, em condições normais, suas funções principais sempre foram a de preservar. "Queimar era um prazer. Era um prazer especial ver as coisas serem devoradas, ver as coisas serem enegrecidas e alteradas. [...] Como na velha brincadeira, o que ele mais desejava era levar à fornalha um *marshmallow* na ponta de uma vareta, enquanto os livros morriam num estertor de pombos na varanda e no gramado da casa. Enquanto os livros se consumiam em redemoinhos de fagulhas e se dissolviam no vento escurecido pela fuligem" (Bradbury, 2012, p. 21).

Assim emerge a censura e o controle do que podia ou não ser lido ou publicado, tendo como pretexto a "rebeldia" que poderia ser incutida em algumas mentes por conta do caráter de se tratar de uma "literatura subversiva". Nisso residia uma das principais "frentes de batalha" de G. Orwell. Em seus escritos dispersos muita das vezes embora tratando-se de outro tema como a literatura (seu campo de atuação intelectual), o termo "totalitarismo" sempre esteve presente ao longo de muitos de muitas de suas produções intelectuais. Neste ensaio a seguir de título "Por que escrevo" o escritor britânico, como homem de seu tempo, deixa transparecer seu maior desígnio para com a literatura: "[...] Cada linha dos trabalhos sérios que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, *contra* o totalitarismo e *pela* democracia socialista, do jeito que a compreendo [...]" (Orwell, 2021b, p. 22).

Assim Orwell não se exime em ratificar seu maior temor. Em seu artigo "A prevenção da literatura" reafirma:

> [...] A história das sociedades totalitárias, ou de grupos que adotaram a perspectiva totalitária, sugere que a perda da liberdade é, ainda assim, inimiga de todas as formas de literatura. A literatura alemã quase desapareceu durante o regime de Hitler e a situação na Itália não era muito melhor. A literatura russa, tanto quanto se pode julgar pelas traduções, deteriorou-se acentuadamente desde os primeiros dias da Revolução, e os versos parecem melhores que a prosa [...] (Orwell, 2021b, p. 41-42).

Assim Orwell se deu conta de que essa forma nefasta de governar não está restrita a uma certa localidade e nem muito menos correlacionada somente a um tempo histórico. A preocupação orwelliana dessa manifestação sair do *status* de "local" para se tornar "global", num mundo onde não se fala exclusivamente em "globalização", mas, agora também em "globalismo". Cada vez mais nações estão buscando se agrupar em blocos, e a tendência da população ser governada sob as diretrizes impostas por um comando único se torna mais concreta.

Ainda no artigo "Literatura e totalitarismo", fica patente o seu receio diante dessa forma de governar tomar o mundo por inteiro. Ao longo de todo escrito faz questão de correlacionar a literatura pela qual muitos se expressam e encontram a verdade diante da ameaça premente que se avizinha. Segundo ele, o totalitarismo ao atingir a marca de "escala global" certamente atingiria de morte os livros, o pensamento humano e por conseguinte os indivíduos em seus direitos fundamentais adquiridos, fazendo questão de deixar assim o seu alerta:

> Como digo, tomamos esta noção como certa e, no entanto, assim que a colocamos em palavras, nos damos conta de como a literatura é ameaçada. Pois esta é a era do Estado totalitário, que não permite e provavelmente não pode permitir ao indivíduo nenhuma liberdade, seja ela qual for. Quando se menciona o totalitarismo, pensa-se imediatamente na Alemanha, na Rússia, na Itália, mas eu acho que se deve enfrentar o risco de que este fenômeno venha a ser mundial. [...] Se o totalitarismo se tornar mundial e permanente, o que temos conhecido como literatura deve chegar ao fim. E não servirá – como pode parecer plausível no início – dizer que o que chegará ao fim é apenas a literatura da Europa pós-renascentista. Creio que a literatura de todo tipo, desde o poema épico até o ensaio crítico, é ameaçada pela tentativa do estado moderno de controlar a vida emocional do indivíduo (Orwell, 2021d, p. 24-25).

De fato, a "censura" e o "patrulhamento ideológico" tem dado um certo espaço para adoção de uma espécie de sucessivos "revisionismos históricos". Com o avanço das redes sociais, livros e autores estão sendo sumariamente "cancelados" não só por pessoas, mas, também por algoritmos impulsionados pelo desenvolvimento da presente Inteligência Artificial (I.A.). Monteiro Lobato é o exemplo nacional mais emblemático

nesse tocante sem falar da mais recente tentativa de censura ao romance “O Avesso da Pele” (2020) do escritor Jeferson Tenório. Dessa forma depreendemos como Orwell entendeu que a literatura é uma das melhores formas de lutar contra ideias como essas, daí toda a sua obra confluir nesse sentido seja no campo ficcional, diarístico, jornalístico ou ensaístico.

Assim a literatura no sentido orwelliano passa e deve ser utilizada como “antídoto” para combater o “vírus” destruidor do totalitarismo. “Quem sente o valor da literatura, quem vê o papel central que ela desempenha no desenvolvimento da história humana, deve também ver a necessidade de vida e morte de resistir ao totalitarismo, seja ele imposto a nós de fora ou de dentro” arrematou (Orwell, 2021d, p. 27). Uma dessas formas mais conhecidas de combater essa ameaça por parte de Orwell e que lhe alçou ao posto de clássico fica por conta do romance distópico “1984” que teve sua primeira edição em 1949. Certamente a sua obra mais conhecida onde fica patente, num futuro nada promissor, os males que um governo totalitário pode impingir aos seus cidadãos.

2.2 *1984*: a representação ficcional pura de um estado totalitário

Se anteriormente pudemos tomar ciência das considerações orwellianas de que o totalitarismo é, por natureza, nocivo à literatura; ela, por sua vez, tratou de “devolver” na mesma moeda. Sem dúvidas a sua obra com maior impacto, mais conhecida e que tem suscitado o maior número de debate, seja no meio político ou acadêmico, trata-se de “1984”. Ao que tudo indica essa foi a narrativa escolhida por Orwell para denunciar os males decorrentes de um sistema totalitário. Como era de se esperar não foi muito bem recebida por alguns países e sofreu com a censura. Sua “onipresença” chega a ponto de, muitas das vezes, certos comentadores políticos citarem, trechos ou elementos desse romance sem necessariamente conhecerem seu autor nem em qual obra a referência está inserida.

A repercussão do livro já rendeu edições variadas sobretudo nessa década haja vista sua obra ter entrado em domínio público em 2021. Isso por que não foi mencionado quanto das traduções para as variadas línguas e das adaptações para os outros tipos de artes como os quadrinhos, animação, cinema, teatro, música. Todo esse êxito, decerto, em grande parte por conta do tema central tratado, sem falar do talento estilístico peculiar a forma de escrita do autor em questão. Sobre ela disse o crítico literário estadunidense Irving Howe (2019, p. 400): “Nenhum outro livro conseguiu expor de maneira tão

completa a característica essencial do totalitarismo. O escopo de *1984* [...] simplesmente evoca o 'tom' da vida numa sociedade totalitária [...]".

O livro em si é dividido em três partes e subdividido em capítulos com variações numéricas entre 6, 8 e 10. Em linhas gerais, a história sugere um futuro não muito distante, na qual a base da sociedade retratada está totalmente relegada a total dominação. Em outras palavras um cenário distópico, onde estão presentes vários mecanismos sociais de dominação para manutenção de um estado totalitário. O cenário é de uma desesperança inconsolável. Seus mais personagens mais se assemelham a "zumbis", "mortos-vivos", "escravos" com um mínimo de direitos de liberdade individual e de pensamento.

Numa visão mais ampla, o mundo está dividido e polarizado em três grandes blocos políticos ao qual ele denomina de "superestados". São eles: Oceania, Eurásia e Lestásia. Esse aglomerado de países estão em constante tensão geopolítica diante seus conflitos travados, muito similar ao que foi vivido na recente Guerra Fria, onde o mundo pós 2ª guerra ficou em pavoroso por conta da iminente guerra nuclear travada entre os EUA e a URSS.

A atmosfera estrategicamente implantada pelo Partido Socing, sobretudo através das "teletelas" nos personagens é que eles podem entrar numa "guerra quente", a qualquer instante, afinal consoante afirma o lema do Partido – "guerra é paz": "[...] quando a Oceania estava em guerra com uma dessas potências [Eurásia ou Lestásia], em geral estava em paz com a outra" (Orwell, 2021a, p. 157). O ente máximo estatal que cuidava dessa questão era o órgão com o curioso nome de Ministério "da Paz". Aqui vale fazer menção a ironia orwelliana em sugerir ministérios fictícios sendo que, na realidade, sua intenção implícita é justamente promover o oposto ao qual supostamente aquele ente "defende". Além desse, haviam outros três ministérios semelhantes – o Ministério "do Amor", o Ministério "da Verdade" e ainda o Ministério "da Fartura" – cada um empenhado em encobrir a realidade ao qual supostamente defendem.

> A divisão do mundo em três grandes superestados foi um acontecimento que poderia ter sido previsto, e de fato o foi, antes de meados do século 20. Com a absorção da Europa pela Rússia e do Império Britânico pelos Estados Unidos, duas das três potências existentes, a Eurásia e a Oceania, passaram a existir efetivamente. A terceira, a Lestásia, só surgiu como unidade distinta depois de mais uma década de batalhas confusas. Em alguns lugares, as fronteiras entre os três superestados são arbitrárias, e em outros flutuam de acordo com os ventos da guerra, mas em geral seguem demarcações geográficas. A Eurásia compreende o todo da região norte das terras europeia e asiática, de Portugal ao Estreito de Bering. A Oceania compreende as Américas, as ilhas do Atlântico, incluindo as Ilhas Britânicas, a Australásia e a porção sul da África. A Lestásia, menor do que as outras e com uma fronteira

> ocidental menos definida, compreende a China e os países ao sul, as ilhas do Japão e uma grande e variável parte da Manchúria, da Mongólia e do Tibet (Orwell, 2021a, p. 333).

Esse fenômeno – sobretudo para os estudiosos – não está muito distante da realidade alcançando estágios mais avançados nas próximas décadas. Chefes de nações estão em constante contato costurando acordos internacionalmente buscando aliados para formarem blocos. Cada vez mais essa composição global se afasta da ficção com chances se tornar real. A instituição ONU – Organização das Nações Unidas criada pós 2ª grande guerra parece ser a maior expoente desse fenômeno. Para o sociólogo Zygmunt Bauman (1999, p. 7): "[...] Para todos, porém, 'globalização' é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo 'globalizados' – e isso significa basicamente o mesmo para todos". Organizado com exércitos sob um único governo superelativizando uma possível guerra mundial em proporções inimagináveis haja vista o acúmulo de ogivas nucleares por muitos desses ajuntamento de nações, por assim dizer.

O superestado escolhido para servir de cenário na história é na Oceania onde politicamente o poder se concentra nas mãos de um único partido, o Socing (Socialismo Inglês), que por sua vez, tem seu representante máximo concentrado nas mãos do "Grande Irmão". No decorrer da história percebe-se como utiliza-se da propaganda do partido para incitar o personalismo através culto exacerbado da sua própria imagem associado a uma espécie de constante vigilância a ponto de existir cartazes espalhados por toda a cidade com dizeres do tipo: "O Grande Irmão está observando você" (Orwell, 2021a, p. 145).

Por conta da semelhança de temperamento e até física muitos chegam a remeter sua figura a de Hitler ou Stálin. Uma semelhanças que une o trio é que todos eles concentravam em seu controle os partidos. O primeiro, com o partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães e o segundo no Partido Comunista da recém implantada União Soviética. Partidos únicos ou tendenciosos a hegemonia não são anomalias exclusivas do século passado. Atualmente os exemplos mais emblemáticos fica por conta do Partido Comunista Chinês (P.C.C.) e do Partido dos Trabalhadores da Coréia (P.T.C.) na Coréia do Norte.

Essa formatação monopartidária numa sociedade democrática com pluralidade de ideias não deixa de ser temerária. O Brasil, pelo menos nesse aspecto se encontra bem distante desse risco, pois segundo dados internacionais é considerado um dos países com maior número de agremiações partidárias. Contudo, nem sempre esse fenômeno denota

algo positivo, muito pelo contrário, atualmente já existem movimentos políticos no sentido de desencorajar a criação de mais partidos. Já os EUA, por sua vez, reduziu seu número de partido para dois: Democratas (progressistas) e Republicanos (conservadores). Sendo dois, poucos ou mais partidos o perigo maior reside é na figura dos Partidos únicos. Sobre esta questão em específico Jorge Miranda (2019, p. 165) em seu artigo "Os partidos políticos no regime democrático" é preciso em destacar: "[...] os regimes antiliberais afastam o pluralismo político e os partidos de vocação totalitária, quando alcançam o governo, destroem todos os outros. A ideia de partido único aparece com o partido comunista soviético, obra de Lenine desde 1917, e é transplantado, com outras inspirações, para a Itália fascista nos anos 20 e a Alemanha nacional-socialista nos anos 30".

Um dos males decorrentes de um fenômeno como esse está intrinsecamente ligado ao totalitarismo. Isso fica bem evidente, quando O'Brien membro de alto escalão do Partido é escolhido para se infiltrar como amigo do protagonista no sentido de investigar suas supostas "atividades subversivas". Na história em análise, cabe a O'Brien revelar, sem meias palavras, os objetivos reais do Partido ao qual ele serve, e sob o qual todos os outros estão submetidos.

> [...] o Partido quer o poder exclusivamente para seu próprio bem. Não estamos interessados no bem dos outros; estamos interessados só no poder. Não em riqueza, em luxo, em uma vida longa ou na felicidade: só no poder, no puro poder. Agora você vai entender o que significa puro poder. Nós somos diferentes de todas as oligarquias do passado, porque sabemos o que fazemos. Todos os outros, mesmo aqueles que se pareciam conosco, eram covardes e hipócritas. Os nazistas alemães e os comunistas russos chegaram muito perto de nós em seus métodos, mas nunca tiveram a coragem de reconhecer seus próprios motivos. Fingiam, talvez até acreditassem, que tinham assumido o poder a contragosto e por um tempo limitado, e que bastava virar a esquina para chegar a um paraíso onde os seres humanos poderiam ser livres e iguais. Nós não somos assim. Sabemos que ninguém jamais toma o poder com a intenção de abdicar dele. *O poder não é um meio, é um fim.* Não se estabelece uma ditadura para salvaguardar uma revolução; faz-se a revolução para estabelecer a ditadura. *O objetivo da perseguição é a perseguição. O objetivo de tortura é a tortura. O objetivo do poder é o poder. Agora você começa a me entender?* (Orwell, 2021a, p. 415-416, grifos nossos).

O uso da expressão "puro poder" por O'Brien é excruciante. Fica claro que a essência do Partido coaduna em com os principais ditames de um estado totalitário. A intenção explícita do partido nas suas palavras revelam seus únicos objetivos da elite política – a locupletamento do estado e a manutenção desse *status quo* a qualquer custo. A figura do partido único é só uma das estratégias para consolidação desse poder. No sentido de ganhar adesão e de manter entretidos seus súditos, há a necessidade de criar um ambiente de medo, que por sua vez é personificado numa figura inimiga que pode

colocar em risco a soberania de seu país.

Que tem seu opositor, a antítese de seu ódio concentrado figura de Emmanuel Goldstein a quem era dedicado o chamado "Dois Minutos de Ódio", uma espécie de exercício obrigatório de intolerância com o oposto por parte da população em face do maior inimigo do soberano líder, e consequentemente inimigos de seus súditos. Darem a própria vida de irem para a guerra defender a nação e o grande líder. "[...] Goldstein era o renegado e apóstata que muito tempo atrás (ninguém se lembrava exatamente quando) fora uma das principais figuras do Partido, quase do mesmo nível do próprio Grande Irmão, mas que depois se envolveu em atividades contrarrevolucionárias, foi condenado à morte, conseguiu escapar misteriosamente e desapareceu [...]" (Orwell, 2021a, p. 155). A ele era concentrado todo o ódio, como uma forma de demover a atenção do que realmente estava acontecendo, além de justificar constante caráter bélico mediante do perigo da ameaça externa constante.

> O Ódio atingiu seu clímax. A voz de Goldstein se tornara um verdadeiro balido de ovelha e de repente o rosto se transformou no de uma ovelha. Logo depois o focinho da ovelha assumiu a figura de um soldado eurasiático que parecia estar avançando, enorme e terrível, a submetralhadora rugindo e parecendo sair da tela, fazendo algumas das pessoas na primeira fila realmente se encolherem nas cadeiras. Porém, no mesmo instante, provocando em todos um profundo suspiro de alívio, a figura hostil se fundiu com o rosto do Grande Irmão, de cabelos negros, bigode preto, cheio de poder e de uma misteriosa calma, tão vasto que quase preenchia a tela. Ninguém ouviu o que o Grande Irmão estava dizendo. Eram apenas algumas palavras de encorajamento, como palavras pronunciadas no clamor da batalha, individualmente indistintas, mas restaurando a confiança pelo fato de serem ditas. Em seguida, o rosto do Grande Irmão se desfez novamente, dando lugar aos três *slogans* do Partido, destacados em letras maiúsculas: GUERRA É PAZ, LIBERDADE É ESCRAVIDÃO, IGNORANCIA É FORÇA (Orwell, 2021a, p. 159).

A ideia do inimigo externo sempre foi e ainda é uma forma eficiente de atrair a atenção dos incautos para algo que não convinha. A exemplo disso não é raro ver tiranetes do oriente médio vociferando e incitando ódio aos EUA culpando-o por todos os males sofridos. Esse direcionamento não se restringe a nações. Eles podem vir carregados de um caráter étnico, racial, religioso, ideológico, etc. Para o pesquisador Pedro Estevam A. P. Serrano (2020, p. 208-209) em seu artigo "Autoritarismo líquido e as novas modalidades de prática de exceção no século XXI" destaca: "Na ditadura nazista, a suspensão de direitos com base na declaração de Estado de exceção foi utilizada para o combate ao inimigo judeu e ao comunista; na fascista, para o combate ao inimigo 'burguês' e ao socialista e comunista; na ditadura franquista, para o combate ao inimigo comunista e ao ateu; nas ditaduras militares da América Latina, incluído o caso brasileiro, em plena Guerra Fria, para persecução do inimigo comunista".

A ideia de “aniquilação” mental do homem aos poucos e “por dentro”, tornando-os facilmente manipuláveis e submissos está impregnada na atmosfera de toda narrativa. Esse estado de torpor e prostração não é só percebida no protagonista Winston Smith, mas bem como em todos aqueles que circundavam seu entorno. Todos vivem em constante vigilância de forma diuturna não só pelas teletelas, mas pelos agentes de repressão como a Polícia de Pensamento, inclusive, os infiltrados. Utilizava de maneira eficiente todos seus mecanismos de dominação. Embora já presentes alguns elementos de manutenção do totalitarismo. Esses três elementos a saber: a adoção da chamada “Novilíngua”, indução ao “duplipensamento” e a” reescrita” da história resumiam a forma de atuação desse estado totalitário em questão.

Orwell, por sua vez, trata de classificar como “princípios sagrados” do Partido no afã de torná-lo numa instituição perpétua, tal como o megalomaníaco Hitler que um dia sonhou para seu *Reich* um governo com duração de um milênio de existência.

> Na rua, o vento balançava o cartaz rasgado de um lado para outro, fazendo a palavra socing aparecer e desaparecer intermitentemente. Socing. Os princípios sagrados do Socing. *Novilíngua, duplipensar, a mutabilidade do passado*. Winston se sentia como que vagando pelas florestas do fundo do mar, perdido em um mundo monstruoso em que ele próprio era o monstro. Sozinho. O passado estava morto, o futuro era inimaginável. Que certeza poderia ter de que uma única criatura humana viva estaria agora do seu lado? E como saber que o domínio do Partido não duraria *para sempre*? Como resposta, os três *slogans* da fachada branca do Ministério da Verdade voltaram à sua cabeça: GUERRA É PAZ, LIBERDADE É ESCRAVIDÃO, IGNORÂNCIA É FORÇA (Orwell, 2021a, p. 170, grifo nosso).

Como relação ao primeiro quesito “*Novilíngua”* demonstra o quão importante é criar uma “imagem de mundo” através das novas palavras criadas pelo Partido própria preconizada pela ideologia do partido e que deveria ser seguida indistintamente por seus concidadãos. Havia até um dicionário específico já com várias atualizações e reedições para esse fim. “As visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia vista como algo imanente à realidade é indissociável da linguagem. As ideias e, por conseguinte, os discursos são expressão da vida real. A realidade exprime-se pelos discursos” (Fiorin, 1998, p. 33). Importante elemento para construção das próprias narrativas e discursos moldados a manutenção do poder.

Essa questão da linguagem associadas ou não a questão do totalitarismo, figurava como uma preocupação recorrente pessoal de Orwell. Em seu ensaio “A Política e a Língua Inglesa” destaca seu cuidado para com a língua e a linguagem: “[...] Nossa civilização está em decadência, e nossa língua – assim diz o argumento deve inevitavelmente compartilhar do colapso geral. [...] Agora, é claro que o declínio da

língua deve em última análise ter causas políticas e econômicas: não é devido simplesmente à má influência deste ou daquele escritor individual" (Orwell, 2021c, p. 146). Destaca que a deterioração da língua ao contrário do que possa parecer tem como maior algoz a política e não do "mau uso" que uma ou outra pessoa que faz uso equivocado dela seja na forma falada ou escrita.

> Os filósofos idealistas sempre afirmaram que a linguagem cria uma imagem do mundo. Que querem dizer esses filósofos com essa afirmação? A linguagem contém uma visão de mundo, que determina nossa maneira de perceber e conceber a realidade, e impõe-nos essa visão. A linguagem é como um molde, que ordena o caos, que é a realidade em si. Como a linguagem dá forma a esse caos, determinando o que é uma coisa, um acontecimento etc., cria uma imagem ordenada do mundo. *Cada língua ordena o mundo à sua maneira.* Assim, por exemplo, o português categoriza como duas cores distintas o verde e o azul, enquanto o japonês considera-as matizes de uma só cor, designando-as por *aoi*. Isso não significa que os japoneses não percebam a diferença real que existe entre o verde e o azul, mas que tais diferenças são colocadas na categoria dos matizes de uma mesma cor. Os exemplos poderiam ser multiplicados (Fiorin, 1998, p. 52, grifo nosso).

Outros acréscimos bastante caros a essa questão especificamente fica por conta das considerações do intelectual contemporâneo Umberto Eco (2019). A seguir o pensador italiano – cujo qual faremos melhor uso mais a frente – se referindo especificamente a obra analisada, elenca outras intenções perniciosas que uma prática como essa podem acarretar, quais sejam: empobrecer a língua ao passo que isso redundaria no "atrofiamento" da capacidade cognitiva humana, além de alertar a forma sutil sob as quais estão inseridas tais modificações.

> O *Ur-Fascismo* fala a "novilíngua". A "*novilíngua*" foi inventada por Orwell em *1984*, como língua oficial do Ingsoc, o Socialismo Inglês, mas certos elementos de Ur-Fascismo são comuns a diversas formas de ditadura. Todos os textos escolares nazistas ou fascistas baseavam-se em um léxico pobre e em uma sintaxe elementar, com o fim de limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico. Devemos, porém estar prontos a identificar outras formas de novilíngua, mesmo quando tomam a forma inocente de um *talk-show* popular (Eco, 2019, p. 58-59).

Dessa forma fica evidente como a análise acima coaduna com a proposta da obra aqui analisada pois, segundo Orwell em os "Princípios da Novilíngua" ela: "não foi elaborada para aumentar, mas para *restringir* o alcance do pensamento, e esse propósito era ajudado indiretamente reduzindo-se ao mínimo a escolha de palavras" (Orwell, 2021a, p. 453, grifo original). Esses princípios estão dispostos ao final da obra como apêndice. Um pouco antes já havia acrescentado: "O propósito da novilíngua não era apenas prover um meio de expressão da visão de mundo e dos hábitos mentais apropriados aos adeptos ao Socing, mas tornar todos os outros modos de pensamento impossíveis" (Orwell, 2021a, p. 452).

Assim chega-se ao segundo aspecto e que está intimamente interligado ao primeiro que diz respeito ao chamado “duplipensamento”. Esse estratagema baseia-se em provocar, através da corrupção da linguagem, numa espécie de incoerência mental em tomar como coerentes ideias conflitantes que se chocam e que hoje que é denominada no meio acadêmico como Dissonância Cognitiva. Esta, por sua vez, tem seu conceito elaborado pelo psicólogo Leon Festinger (1975, p. 21, grifo original), que em seu livro “Teoria da Dissonância Cognitiva” (1957) destacou:

> A definição de dissonância ignorará a existência de todos os outros elementos cognitivos que são relevantes para um ou outro ou para ambos os considerados e ocupar-se-á simplesmente desses dois. *Esses dois elementos estão em relação dissonante se, considerados isoladamente, o inverso de um elemento decorrer do outro.* Dito um pouco mais formalmente, se x e y são dissonantes se não-x decorrer de y. Assim, por exemplo, se uma pessoa soubesse que só havia amigos em sua vizinhança e também se sentisse com medo, existiria uma relação dissonante entre esses dois elementos cognitivos. Ou, para dar outro exemplo, se uma pessoa já estivesse endividada e também comprasse um novo automóvel, os elementos cognitivos correspondentes seriam dissonantes entre si. A dissonância existiria por causa do que a pessoa tinha aprendido ou das expectativas que passa a alimentar, por causa do que é considerado usual ou apropriado, ou por muitas outras razões.

Isso fica patente no próprio lema do partido quando propõe transformar palavras “antônimas” em “sinônimos”. “Sua mente [de Winston] divagou para o mundo labiríntico do duplipensar. Saber e não saber, ter consciência da veracidade total contando mentiras cuidadosamente elaboradas, ter duas opiniões que se anulam ao mesmo tempo, sabendo serem contraditórias e acreditar em ambas, usar a lógica contra a lógica, repudiar e pregar a moralidade simultaneamente [...]” (Orwell, 2021a, p. 179). O “Duplipensar” tem seus fundamentos escritos no livro em tom planfetário chamado “Teoria e prática do Coletivismo Oligarca” supostamente de autoria atribuída a Emmanuel Goldstein.

Grande parte desse documento está transcrito em “1984”. Uma obra, que apesar de estritamente proibida, mas que de alguma forma Smith manteve contato não só lendo-a mas tomando nota e refletindo sobre. Na verdade tratava-se só mais uma peça de propaganda criada pelo Ministério da Verdade, como que numa espécie de “Protocolos dos Sábios de Sião” (1903), na intenção de criminalizar perante a opinião pública uma ideologia incompatível com o poder vigente. A obediência diante da proibição em ler tal livro como que numa espécie de controle mental, figurava também como um teste de passividade e alienação capaz de auferir o grau de dominação que se encontram nível de domesticação populacional, nesse caso em questão, em altíssimo patamar.

> *Duplipensar* significa o poder de manter duas verdades contraditórias ao mesmo tempo e aceitar as duas. O intelectual do Partido sabe em que direção

> suas lembranças devem ser alteradas e, portanto, sabe que está fazendo truques com a realidade; mas, pelo exercício do *duplipensar*, ele também se convence de que a realidade não foi violada. O processo tem de ser consciente, ou não seria conduzido com a precisão necessária, mas também precisa ser inconsciente, para não suscitar um sentimento de falsidade e, portanto, de dúvida. *Duplipensar* está no próprio cerne do Socing, pois a ação essencial do Partido é usar a ilusão consciente e ao mesmo tempo manter a firmeza de propósito implicada na honestidade total. Mentir intencionalmente e acreditar firmemente nessas mentiras, esquecer qualquer fato que tenha se tornado inconveniente e depois, quando se tornar mais uma vez necessário, extraí-lo do esquecimento pelo tempo necessário, negar a existência da realidade objetiva e ao mesmo tempo levar em conta a realidade sendo negada – tudo isso é indispensavelmente necessário. Mesmo para usar a palavra *duplipensar* é preciso exercer o *duplipensar*, pois para usar a palavra é necessário admitir estar adulterando a realidade; mas um novo ato de *duplipensar* apaga esse conhecimento; e assim por diante indefinidamente, com a mentira sempre um passo à frente da verdade. Em última análise, é por meio do *duplipensar* que o Partido tem sido capaz – e, até onde sabemos, pode continuar fazendo isso por milhares de anos – de deter o curso da história (Orwell, 2021a, p. 363-364).

Não atentar as objeções que o Partido preconizava era tipificado como um "crimepensamento", passível de detenção e em alguns casos extremos a "vaporização", que em sentido direto, se daria não só a eliminação física da pessoa mas de todos os seus registros pregressos como nem sequer um dia houvesse existido. Para tanto para não incorrer nesse grave crime e ter sua vida preservada Winston Smith:

> Começou a se exercitar em crimeparar. Apresentou a si mesmo algumas proposições. "O Partido diz que a Terra é plana", "o Partido diz que o gelo é mais pesado do que a água", e treinou-se para não ver ou não entender os argumentos que as contradiziam. Não era fácil. Exigia grande capacidade de raciocínio e improvisação. Os problemas aritméticos levantados, por exemplo, por uma declaração como 'dois mais dois são cinco' estavam além de sua compreensão intelectual. Também exigia uma espécie de ginástica mental, a capacidade de em um momento fazer o uso mais delicado da lógica e, no seguinte, não se conscientizar dos erros lógicos mais grosseiros. A burrice era tão necessária quanto a inteligência, e igualmente difícil de alcançar (Orwell, 2021a, p. 431).

Por fim chegamos ao terceiro e último quesito não menos grave que é a adulteração da história e controle do passado como uma forma de alienação e eliminação de toda e qualquer memória que lançasse luz ou confrontasse o que se passa no presente. "[...] Toda a história era um palimpsesto, limpo e reinscrito exatamente com a frequência necessária. Uma vez reescrito, era impossível provar a ocorrência de qualquer falsificação [...]" (Orwell, 2021a, p. 185). Toda a história e passado eram sistemicamente adulterados no sentido de embasar a "nova ordem" instalada. Toda e qualquer coisa que ameaçasse o *status quo* vigente era sumariamente "negacionado".

Atingia não só uma vertente ou outra, mas como um todo inclusive a própria organização urbana e arquitetura nesse caso: "Não se podia aprender história baseado na arquitetura, assim como não se podia aprender nos livros. Estátuas, inscrições, lápides

memoriais, nomes de ruas – qualquer coisa que pudesse lançar alguma luz sobre o passado tinha sido sistematicamente alterado" (Orwell, 2021a, p. 242). Tudo passava pelo setor da censura ficando ao encargo do chamado Ministério da Verdade decidir o que era ou não lançado no "buraco da memória". Nada mais que um sistema oficializado que seria capaz de perpetrar aquilo que é o mesmo que o sinônimo de negacionismo, em outras palavras, revisionismo histórico:

> A alteração do passado é necessária por duas razões, uma das quais é subsidiária e, por assim dizer, preventiva. A razão subsidiária é que o membro do Partido, assim como o proletário, tolera as condições dos dias de hoje em parte por não ter padrões de comparação. Ele precisa ser isolado do passado, assim como precisa ser isolado de países estrangeiros, pois precisa acreditar que está melhor que seus antepassados, e que o nível médio de conforto material está sempre aumentando. Mas, de longe, a razão mais importante para o reajustamento do passado é a necessidade de salvaguardar a infalibilidade do Partido. Não basta que discursos, estatísticas e documentos de todos os tipos sejam constantemente atualizados para mostrar que as previsões do Partido estavam corretas em todos os casos. É preciso também não admitir jamais qualquer mudança na sua doutrina ou seu alinhamento político. Porque mudar de ideia, ou até mesmo de política, é uma confissão de fraqueza. Se, por exemplo, a Eurásia ou a Lestásia (seja qual for) for o inimigo de hoje, então o país deve ter estado sempre em guerra com o inimigo. E se os fatos disserem o contrário, os fatos precisam ser alterados. Dessa forma, a história está sendo continuamente reescrita. Essa falsificação cotidiana do passado, exercida pelo Ministério da Verdade, é tão necessária para a estabilidade do regime como o trabalho de repressão e espionagem exercido pelo Ministério do Amor (Orwell, 2021a, p. 362).

Enzo Traverso (2021, p. 178) entende que essa é uma questão que está muito além de ser caracterizado somente como um problema meramente historiográfico. Sobretudo para o pesquisador italiano o "[...] 'revisionismo' é também um fenômeno político profundamente relacionado a atitudes e declarações que transcendem as fronteiras acadêmicas e colocam em questão a relação de nossas sociedades com seu passado." Seu nascedouro nas práticas políticas, levam a dedução de que os detentores de poder seriam os maiores interessados em reescrever a história de acordo com suas inclinações ideológicas, criando uma espécie de eliminação de todo e qualquer pensamento divergente aos seus. Sob esse argumento, segundo os pesquisadores Marcos Napolitano e Mary Anne Junqueira (2019, p. 2), reconhecendo a complexidade que o termo carrega propõe para melhor entendimento do assunto subdividi-los em dois:

> O revisionismo é, por outro lado, um conceito mais complexo. Dois tipos de revisionismo são identificáveis: o historiográfico e o ideológico. O primeiro deles reconhece o legítimo e necessário trabalho da historiografia. Já o revisionismo ideológico reúne autores politicamente interessados em manipular dados e desvirtuar fatos em nome de interesses específicos dados *a priori*. Como afirmou Deborah Lipstadt, no livro *Negação*, os historiadores têm o direito de interpretar os fatos, mas eles não podem conscientemente deturpar fatos. O holocausto judeu é fato consumado, assim como outros fatos relativos à história brasileira: os portugueses estiveram na África para praticar

> o tráfico de escravos, as populações indígenas foram massacradas ao longo da história brasileira, a tortura foi utilizada durante a ditadura militar. Negar tais fatos, é negar evidências, é o mesmo que afirmar que a Terra não é arredondada.

Como conclusão, analisados os três elementos “Novilíngua”, “duplipensar” e a “mutabilidade do passado” escolhidos no sentido de somar esforços para que o Partido Socing possa manter seu poder, resume bem em qual o propósito que repousa a obra “1984”. Esses alertas consoantes aqueles que se arvoram como “donos do passado” se assenhorando do que deve ou não passar e/ou permanecer na memória coletiva, infelizmente, tem encontrado eco de forma pulverizada em algumas partes do mundo na realidade. Por isso é preciso ficar atento ao que bem pontuou, em seu livro “História e memória”, o historiador Jacques Le Goff (1990, p. 427, grifo nosso): “[...] Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se *senhores da memória* e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva [...]”.

3. FASCISMOS “TIPO EXPORTAÇÃO”

3.1 Orwell pela não banalização do termo “fascismo”

Atualmente tem sido muito comum a adoção do termo “fascismo” sendo utilizado de maneira sistemática pelos mais variados agentes sociais. Geralmente costuma vir à tona, quando certas ações políticas dialogam com um caráter mais extremado. Em especial, críticas como essas, são direcionadas a figuras que tendem a flertar com o militarismo autoritário, com o nacionalismo exacerbado, com o expansionismo territorial, com a supressão de algumas liberdades individuais, com a intolerância em relação ao pensamento antagônico e assim por diante.

Isso tudo relacionado a líderes que representem e conduzam os demais numa espécie de movimento em torno de sua figura e de sua ideia. Ressalte-se, ainda, que a utilização do termo não é exclusivo dessa ou daquela corrente política e militância. Muitas das vezes é empregado como acusações mútuas de ambos os espectros políticos, que por motivos óbvios, cada um trata de rechaçar veementemente tal rótulo, sobretudo, pelas experiências recentes nada agradáveis.

Apesar de visualizada de forma mais clara no fascismo italiano implantado por Benito Mussolini em 1919, não seria demasiado dizer que esse modelo foi propagado de maneira desastrosa em vários outros países. Por muito tempo figurou como modelo autoritário “tipo exportação” com reflexos, inclusive, na América Latina incluindo seu maior país. Os ideais fascistas atravessaram o Atlântico ganhando certa adesão em países do continente sul latino-americano. O Brasil, pela sua representatividade, não esteve imune a esse fenômeno. Pode-se ver tendências dessa ideologia no governo do Estado Novo de Getúlio Vargas e de forma mais evidente com movimento liderado pelo integralista Plínio Salgado.

Como veremos adiante, por muito tempo, o fascismo almejou auferir certa “legitimidade” por ter alçado ao posto de “antídoto” no sentido ser o único movimento de estancar o crescimento do comunismo que contava na época como seu representante maior a URSS. “O partido fascista nasceu proclamando sua nova ordem revolucionária, mas era financiado pelos proprietários de terras mais conservadores, que esperavam uma contrarrevolução” (Eco, 2019, p. 35). No sentido, portanto, de apreendermos acerca de uma contextualização para esse fenômeno faremos uso do conceito elaborado por Federico Finchelstein. Este autor elabora um panorama do que seria esse fascismo no seu contexto histórico. Em seu recente trabalho “Do Fascismo ao Populismo na História”

(2019), o professor de História argentino traça um quadro geral do que vem a significar historicamente tão popularizado termo:

> Em termos históricos, o fascismo pode ser definido como uma ideologia mundial com movimentos e regimes nacionais. O fascismo foi um fenômeno internacional dentro e fora da Europa. Como formação contrarrevolucionária moderna, era ultranacionalista, antiliberal e anti-marxista. O fascismo, em suma, não foi um simples movimento reacionário. Seu principal objetivo era destruir a democracia a partir de dentro para criar uma ditadura moderna do topo para a base. Foi produto de uma crise econômica do capitalismo e de uma concomitante crise de representação democrática. Os fascistas internacionais propunham um Estado totalitário em que a pluralidade e a sociedade civil seriam silenciadas, e onde haveria cada vez menos distinções entre o público e o privado e entre o Estado e os seus cidadãos. Nos regimes fascistas, a imprensa independente era proibida e o Estado de Direito completamente destruído. O fascismo defendia uma forma divina, messiânica e carismática de liderança que entendia o líder como organicamente associado ao povo e à nação. Considerava a soberania popular totalmente delegada ao ditador, que agia em nome da comunidade do povo e sabia melhor do que o povo o que este realmente queria. Os fascistas substituíram a história e os conceitos de verdade de base empírica pelo de mito político. Eles tinham uma ideia extremista do inimigo, considerando-o uma ameaça existencial para a nação e para o seu povo, e que tinha de ser primeiro perseguido e depois deportado ou eliminado. Visavam criar uma ordem mundial nova e histórica através de um *continuum* crescente de extrema violência política e de guerra (Finchelstein, 2019, p. 37).

Presentes, portanto, segundo o pesquisador, alguns elementos que caracterizam o fascismo como os de inserir na *psique* da população um contexto de "terra arrasada", necessidade imediata contrarrevolução face aos inimigos externos criados, perseguição de políticos e da imprensa livre com uso da violência; isso tudo foi considerado como um meio de mitigar os valores democráticos como uma forma de fazer prosperar a ação fascista em curso. Os fascistas, para subverter esse sistema democrático em vias ainda consolidação, sabiam, que era preciso criar espécie de "cortina de fumaça" com o fito de encobrir toda essa pretensão. Para tanto, no sentido de incutir tal intento, sugestionar sentimentos e facilitar a adesão das massas mediante uma noção de "pertencimento", buscou-se, de forma estratégica, remeter e se apropriar das "glórias do passado" comum entre todos os italianos.

Nesse sentido acrescenta o pesquisador Antônio de Assis (2022, p. 451) que o "[...] uso instrumental do passado acaba por deformá-lo, em vista das necessidades históricas dos sujeitos que o evocam. Imagens, símbolos, monumentos, governantes, valores dentre outras manifestações da Antiguidade, de cunho social, cultural e político, foram selecionadas e enquadradas a partir de uma ótica ideológica fascista." Assim dado curso a criação de uma atmosfera de "resgate", de unificação e de inauguração de um "novo tempo" as lideranças fascistas foram alcançando apoio de uma parcela expressiva

entre os italianos. A apropriação de fatos históricos triunfantes, resgate da opulência da Roma antiga e dos césares foram cruciais para criação estética do movimento em suas características visuais, ritualísticas, enfim, de como ia se materializar e externalizar o fascismo italiano em si.

> O emblema do fascismo, um feixe de varas chamados fasces (*fasci*, em italiano) amarrado em volta de um machado, vinha da Roma Antiga. Representava não só a força por meio da unidade, como também o ressurgimento da grandeza perdida do Império Romano. Como a suástica na Alemanha, estava gravado em prédios, luminárias, chafarizes, soleiras e até em tampas de bueiros. Os pelotões fascistas, com seus postos e formações, eram organizados de acordo com o modelo romano. Havia uma saudação romana e, após 1935, a marcha romana. Além disso, Mussolini mantinha um lobo romano em uma jaula exibida no Capitólio. O Dia do Trabalhador não era mais celebrado em 1º de maio, mas, sim, em 21 de abril, dia da fundação de Roma. Como explicou Mussolini, "as saudações, as músicas e as fórmulas romanas, as comemorações de aniversário e afins são essenciais para atiçar as chamas do entusiasmo que mantém o movimento vivo. Era exatamente igual na Roma Antiga" (Dikötter, 2022, p. 42).

A dimensão que o movimento tomou em seu caráter idílico ao remeter ao passado como algo que deveria ser restaurado figurou como um *modus operandi* que pode ser percebido nos inúmeros outros "fascismos" implantados em outros países, em especial nos da Europa. A intenção de Mussolini de construir-se como um "mito" salvador, um ser messiânico capaz encontrar solução para todos os problemas não são só sociais e econômicos, mas, também morais ganhou ares somente vistos entre os antigos césares da antiga Roma imperial. Se apropriou dos tempos áureos que tornaram o império romano uma potência mundial da época, inclusive no sentido de justificar um possível expansionismo territorial ao "reaver" antigas colônias como o que aconteceu na invasão do país africano da Etiópia em 1935, conforme veremos mais adiante. Solapar o imaginário coletivo italiano em seu ressurgimento do passado glorioso de algo que foi perdido por conta da nova ameaça personificada no "inimigo preferencial" da vez.

Stanley entende que para melhor entender o fascismo realmente é preciso se atentar ao seu "nascedouro":

> É natural começar este livro onde a política fascista invariavelmente afirma descobrir sua gênese: no passado. A política fascista invoca um passado mítico puro que foi tragicamente destruído. Dependendo de como a nação é definida, o passado mítico pode ser religiosamente puro, racialmente puro, culturalmente puro ou todos os itens acima. Mas há uma estrutura comum a todas as mitificações fascistas. Em todos os passados míticos fascistas, uma versão extrema da família patriarcal reina soberana, mesmo que há poucas gerações. Recuando mais no tempo, o passado mítico era um tempo de glória da nação, com guerras de conquista lideradas por generais patriotas, com exércitos repletos de guerreiros leais, seus compatriotas, fisicamente aptos e cujas esposas ficavam em casa cuidando da próxima geração. No presente,

> esses mitos se tornam a base da identidade da nação submetida à política fascista (Stanley, 2018, p. 12).

Era necessário, portanto, perpetrar um movimento duradouro fundamentado no passado como contra resposta a quem ameaçasse a "nova" ordem instalada. Essa atitude atingia frontalmente com a dualidade de oposto tão comum no embate político democrático. Elementos desses conceitos se fazem presentes na obra orwelliana, em especial, em "1984" e em certa medida também em "A Revolução dos Bichos" (1945). Se ater ao fascismo italiano, de certa forma, se faz necessário pois facilita o entendimento quanto aos outros "fascismos" implantados em outros lugares e épocas distintas.

Com intuito de nos auxiliar nessa empreitada faremos uso das teorias formuladas por Umberto Eco intelectual conhecido por ter obras em vários campos do conhecimento, inclusive no campo historiográfico com o seu "História da Beleza" (2004) e também "História da Feiura" (2007) sem falar, entre outros, do seu aclamado romance histórico "Em Nome da Rosa" (1980), cujo enredo se passa no século XIV. Outra particularidade com relação a este autor específico é que ele viveu durante o período estudado tornando-se, portanto, uma testemunha privilegiada quanto a tal assunto.

> O fascismo italiano foi o primeiro a criar uma liturgia militar, um folclore e até mesmo um modo de vestir-se – conseguindo mais sucesso no exterior que Armani, Benetton ou Versace. Foi somente nos anos 1930 que surgiram movimentos fascistas na Inglaterra, com Mosley, e na Letônia, Estônia, Lituânia, Polônia, Hungria, Romênia, Bulgária, Grécia, Iugoslávia, Espanha, Portugal, Noruega e até na América do Sul, para não falar da Alemanha. Foi o fascismo italiano que convenceu muitos líderes liberais europeus de que o novo regime estava realizando interessantes reformas sociais, capazes de fornecer uma alternativa moderadamente revolucionária à ameaça comunista (Eco, 2019, p. 29).

Percebe-se como a experiência italiana serviu para "inspirar" o restante dos países onde foram implantados, inclusive o uso da vestimenta de inspiração militar. Muitos governantes viram nesse período o momento perfeito para pegar "bonde da história", num modelo que garantisse uma maior permanência no poder sob o pretexto de implantar reformas milagrosas que finalmente resolveriam os anseios populares. Apesar da dimensão que tomaram alguns pensadores entendem que nem todos podem ser considerados totalitários no sentido estrito da palavra. Umberto Eco é um dos adeptos dessa corrente. Entende que não pode ser classificado como um estado totalitário de forma completa, pois segundo ele, o fascismo italiano carecia de uma teoria, uma ideologia que embasasse filosoficamente não só sua instalação mas seu domínio restando portanto somente "retórica", o discurso. Embora tivesse um movimento chamado "Futurismo",

liderado pelo poeta Filippo Tommaso Marinetti, ainda assim, na visão do Eco – pelo menos nesse quesito – não foi suficiente para fundamentá-lo como totalitário.

> O fascismo foi certamente uma ditadura, mas não era completamente totalitário, nem tanto por sua brandura quanto pela debilidade filosófica de sua ideologia. Ao contrário do que se pensa comumente, o fascismo italiano não tinha uma filosofia própria. O artigo sobre o fascismo assinado por Mussolini para a *Enciclopédia Treccani* foi escrito ou inspirou-se fundamentalmente em Giovanni Gentile, mas refletia uma noção hegeliana tardia do "Estado ético absoluto", que Mussolini nunca realizou completamente. Mussolini não tinha qualquer filosofia: tinha apenas uma retórica (Eco, 2019, p. 26-28).

Tendo ou não o fascismo italiano se encaixado naquilo que se chama de totalitarismo, isso não o impediu desse movimento incorrer numa das maiores tragédias que um estado totalitário, sem limites, pode cometer – a "banalização da maldade". "Exportou" não só o modelo marcado pela crueldade com fim último dar cabo à vida humana geralmente em massa, em outros termos, também bastante evocado nos dias atuais – o genocídio. Crimes contra a humanidade, influenciados ou não pelo fascismo em si, e que poderão ser vistos posteriormente nos estados totalitários comandados por Stálin, Hitler, Mao e muitos outros não foram muito diferente quando o assunto era subjugar o seu povo e/ou de outra nação. Com relação a maior investida que o fascismo italiano perpetrou, onde ficou marcada pelas irrefutáveis violações dos Direitos Humanos fica por conta da famigerada campanha iniciada na Etiópia.

> A estratégia do Duce, que deixara seus generais de lado para assumir o comando-geral, era homicida. Mussolini ordenou o uso de centenas de toneladas de gás mostarda não só contra combatentes, mas também contra civis. Em um prenúncio sombrio dos horrores que viriam sob o comando de Hitler e Stalin, o assassinato em escala industrial foi combinado a atrocidades terríveis, uma vez que os etíopes foram decapitados ou executados à beira de valas comuns. Após uma tentativa fracassada de assassinar o general Rodolfo Graziani, houve uma retaliação das forças de ocupação, que mataram 20 mil pessoas em apenas três dias na capital, Adis Abeba. Bebês foram esmagados, grávidas foram estripadas e famílias inteiras foram fuziladas, queimadas, espancadas ou esfaqueadas até a morte. Quando um jornal comparou o conquistador Graziani com Aníbal, Mussolini ficou furioso: apenas ele poderia ser invocado no mesmo patamar dos gigantes da Roma Antiga. Entre o fim de 1935 e 1938, pelo menos 250 mil pessoas morreram na Etiópia em decorrência da guerra (Dikötter, 2022, p. 45-46).

Analisado, pois, todo esse contexto histórico, George Orwell em um de seus mais conhecidos artigos "O que é fascismo?" escrito para o jornal londrino *Tribune* em 1944 faz questão de iniciar destacando a relevância do tema em sua época: "De todas as perguntas sem resposta de nosso tempo, talvez a mais importante seja: 'O que é fascismo?'" (Orwell, 2020a, p. 9). Neste escrito, dentre outros, o romancista traça um panorama geral de como enxergava o fascismo, não necessariamente o "italiano". Fica

patente que sua preocupação não era elaborar um conceito "acabado", mas, sobretudo problematiza-lo sob o pretexto de melhor conhecer a questão, para depois, combatê-la com maior eficiência.

Suas considerações sobre o conteúdo não se restringiam somente a este escrito em si. Independentemente do assunto tratado era sempre muito comum o escritor britânico retornar a temática, *quer* numa resenha *quer* num outro ensaio sobre tópicos variados. A seguir o autor ressalta quando da dificuldade em adequar o termo a um conceito satisfatório e da importância de se atentar as suas variações. Ele destaca também que não é sensato associar o termo a uma característica em específico. Sua consideração é importante, pois, apesar de apresentar algumas características similares, dependendo da localidade o fascismo foi sutilmente se "adaptando" ao contexto sócio político e as culturas locais.

> Geralmente assumimos, por exemplo, que o fascismo é inerentemente bélico, que se desenvolve em uma atmosfera de histeria de guerra e que a única solução para os problemas econômicos se dá através da preparação para a guerra ou de conquistas de terras estrangeiras. Isso, porém, claramente não é um fato verdadeiro para, digamos, Portugal ou várias ditaduras sul-americanas. Ou então o antissemitismo deveria ser uma das marcas distintivas do fascismo; mas alguns movimentos fascistas não são antissemitas (Orwell, 2020a, p. 9-10).

Outra preocupação sua reside na disseminação e popularização do tema, sobretudo impulsionado pela "imprensa". Para ele essa prática dificulta a sua identificação além de afastar entendimentos quando das suas discrepâncias que possam haver entre um e outro tipo de "fascismos". Essa observação se faz relevante pois deve-se sobretudo analisar caso a caso até no sentido de enfrentá-lo, conforme as peculiaridades culturais de cada nação em que foi implantado. Essa ressalva ganha uma certa relevância diante de um agravante maior, pois nos tempos contemporâneos, agora não é só a imprensa que assume esse papel. Hoje com as redes sociais não só pessoas comuns, no calor das emoções, mas também políticos, jornalistas, *influencers*, *blogueiros* ao fazerem comentários, muitas das vezes de maneira superficial e sem embasamento teórico acerca de um tema tão sério, acabam incorrendo em crassos equívocos (propositais ou não).

> Foi na política interna que essa palavra perdeu todo e qualquer vestígio de significado. Caso se examine a imprensa, ficará evidente que quase não há nenhum grupo de pessoas – certamente nenhum partido político nem um corpo organizado de algum tipo – que não tenha sido denunciado como fascista durante os últimos dez anos. Não estou me referindo ao uso verbal do termo "fascista". Refiro-me ao que vejo que tem saído na imprensa. Vejo os termos "simpatizante ao fascismo", "de tendência fascista", ou simplesmente "fascista", aplicados com toda a seriedade aos grupos listados abaixo (Orwell, 2020a, p. 10).

A seguir Orwell elenca o porquê e o ponto a ponto de quem, por algum motivo, foi indevidamente taxado genericamente como “fascista”. Foram eles: “Conservadores”, “socialistas”, “comunistas”, “trotskistas”, “católicos”, “opositores da guerra”, “apoiadores à guerra” e por fim os “nacionalistas”. Em todas essas categorias Orwell, demonstra como elas foram percebidas de maneira enviesada pelo senso comum, inclusive entre aqueles que defendem ideologias ou se posicionam acerca de temas diametralmente antagônicos, como os antifascistas.

Esse fenômeno pode ser comprovado quando Orwell se refere aos “opositores à guerra” onde ele diz que os: “[...] pacifistas e outros que são considerados antiguerra são frequentemente acusados não apenas de tornar as coisas mais fáceis para o Eixo, como de manifestar um sentimento pró-fascista” (Orwell, 2020a, p. 11). Essa generalização da palavra acaba, em certa medida se transformando, como um “duplipensamento”, escondendo, ofuscando a real gravidade do problema, tornando cada vez mais o termo passível de desconfiança e descrédito. Qualquer passo que se dê acaba por ser taxado como tal, de certa forma engessando uma possível reação por parte dos agentes capazes de mudar toda e qualquer situação nesse sentido – o povo.

A seguir, no artigo “Fascismo e Democracia”, Orwell comenta ainda:

> [...] Os pacifistas que nos asseguram que, se lutarmos contra o fascismo nós mesmos “passaremos a ser fascistas”, esquecem que todo sistema político tem que ser operado por seres humanos, e os seres humanos são influenciados por seu passado. A Inglaterra pode sofrer muitas mudanças degenerativas como resultado da guerra, mas ela não pode, exceto possivelmente pela conquista, ser transformada em uma réplica da Alemanha nazista. Ela pode evoluir para algum tipo de austro-fascismo, mas não para o fascismo do tipo ativo, revolucionário e maligno. O material humano necessário não está presente. Devemos isso a três séculos de segurança e ao fato de não termos sido derrotados na última guerra (Orwell, 2021d, p. 17).

A não concordância em usar o termo – a ponto de tornar estéril qualquer oposição contra os movimentos fascistas –, poderia redundar na ideia de um “falso pacifismo” de que não se deve “combater o mal com o mal”. O livro “Pedagogia do Oprimido” (1968), responde bem a esse dilema, no qual toda e qualquer rechaço pela parte atingida é visto como um ato de “barbárie”, “anarquia”, “selvageria” na intenção de tornar infrutífera toda e qualquer resistência. Portanto, vejamos o que diz o pedagogo brasileiro Paulo Freire (2005, p. 48) a esse respeito: “Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor. Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode

inaugurar o amor." Assim, segundo esse pensamento, o fascismo deve sim ser combatido nem que para isso tenha deva se fazer o uso da "força" como que numa espécie de "legítima defesa" coletiva. Isso visto, em seguida Orwell retoma o raciocínio só que dessa vez agora mais inclinado a concordar com as características gerais do fascismo, que se mostram muitas das vezes implícitos. No final desse mesmo artigo Orwell conclui:

> Mas, escondido por baixo de toda essa confusão, há um tipo de significado oculto. Para começar, está claro que há diferenças muito grandes, algumas delas fáceis de apontar e não tão fáceis de explicar, entre os regimes considerados fascistas e os considerados democráticos. Segundo, se "fascista" significa "em simpatia por Hitler", algumas das acusações que listei acima são obviamente muito mais justificadas do que outras. Terceiro, mesmo quem utiliza a palavra "fascista" de forma inconsequente para todos os lados atribui a ela um significado emocional. *Por "fascismo", referem-se a algo cruel, sem escrúpulos, arrogante, obscurantista, antiliberal e anticlasse trabalhadora.* Exceto por um pequeno número de simpatizantes ao fascismo, quase qualquer cidadão inglês irá aceitar a palavra "troglodita" como um sinônimo de "fascista". Isso é o mais próximo de uma definição a que essa palavra tão abusada chegou (Orwell, 2020a, p. 13, grifo nosso).

Mesmo se convencendo das características gerais do fascismo em seu "significado emocional" Orwell não se exime em defender aquilo que vem pregando com tanta ênfase – o uso moderado de um termo que representa algo tão maléfico. Portanto, para isso é preciso ter o cuidado de não banalizar a palavra escamoteando assim a real noção do risco que ela esconde. Por isso importante se atentar a outra preocupação sua – as palavras e sua representação. Inclusive um dos escritos recorrentes em Orwell são concernentes a alguns ensaios em linguística. Orwell não foi o único pensador – mesmo não sendo especificamente da área – que tentou estudar o universo que circundam as palavras.

Sobre elas asseverou o filósofo francês Michel Foucault (1999, p. 107): "Soberana, pois que as palavras receberam a tarefa e o poder de 'representar o pensamento'. Mas representar não quer dizer aqui traduzir, dar uma versão visível, fabricar um duplo material que possa, na vertente externa do corpo, reproduzir o pensamento em sua exatidão. Representar deve-se entender no sentido estrito: a linguagem representa o pensamento como o pensamento se representa a si mesmo." Dessa forma fica patente de como deve-se respeitar os significados das palavras e dos conceitos que elas correspondem, pois toda elaboração de uma definição padrão de um termo, sobretudo no campo das ciências humanas, é bastante problemática como o próprio fez questão de informar nesta:

> Mas o fascismo é também um sistema político e econômico. Por que, então, não podemos adotar uma definição clara e popularmente aceita para ela? Céus, não teremos uma pelo menos, por enquanto. Demoraria muito para explicar o porquê, mas basicamente é porque é impossível definir o fascismo de forma

> satisfatória sem fazer concessões que nem os fascistas propriamente ditos, nem os conservadores ou os socialistas, de quaisquer cores, estão dispostos a fazer. Tudo que podemos fazer no momento é usar a palavra com certo grau de prudência e, ao contrário do que é geralmente feito, não degradá-la ao nível de um xingamento (Orwell, 2020a, p. 13).

Por fim, diante do uso indiscriminado por todos os lados tem dificultado uma melhor compreensão do problema, sobretudo, enquanto não se chega a um consenso, Orwell alerta quanto ao seu uso. A sua gravidade, de forma alguma, autoriza a forma imoderada que a palavra "fascismo", "fascista", "neofascista" tem sido empregada, nivelando por baixo a um patamar rasteiro como se fosse algo banal sem falar que pode incorrer em falsas acusações. Atribuir a quem não faz *jus* certamente causará prejuízo enorme àqueles que foram taxados como tal, mesmo não os sendo. Isso visto fica a lição de elevar as discussões em torno dele, inclusive quanto ao seu conceito de maneira mais responsável. Sem falar que: "Se todo mundo é fascista, então ninguém é fascista." Dessa forma, elevar sua categoria ao "tom metafísico" e/ou de "lenda urbana", não contribui em nada haja vista o que levaria alguém a se preocupar com algo que não há um consenso de que se realmente existe?

3.2 Nazi-fascismo: Orwell contra Hitler

Para além das considerações de George Orwell concernentes as questões linguísticas que circundam a palavra "fascismo", não obstante o país, o autor sempre se manteve atento a todo e qualquer fenômeno que pudesse se identificar com o totalitarismo. Outra conhecida forma totalitária que o ensaísta inglês lançou um olhar crítico, e de certa forma, vivenciou, trata-se do Nazismo alemão. Orwell não tratou somente em direcionar suas críticas de forma ampla ao sistema em si. Nos seus trabalhos é comum perceber como ele se ateve, de forma mais incisiva, acerca da figura que encabeçou tal movimento – Adolf Hitler. Quanto a este, não mediu esforços em tecer considerações especificamente à sua pessoa, em várias partes de sua obra, tanto ensaística como ficcional.

Outra ressalva a se fazer quanto a esta figura histórica é que ele está diretamente ligado ao fenômeno tratado no subcapítulo anterior. É de tendência majoritária na historiografia que Hitler absorveu influências claras de Mussolini, que inicialmente, chegou a tratá-lo como uma espécie de "aprendiz" seu por, em determinado momento, guardarem semelhanças em vários aspectos. Não seria demasiado dizer que Hitler

"importou" o modelo italiano ao contexto alemão, se sentindo encorajado para "copiar" inúmeros elementos e estratégias inauguradas pelo aliado italiano, como numa espécie de "paralelismo ditatorial ítalo-alemão"; inclusive tendo sido criado um termo com vistas a facilitar uma melhor identificação e compreensão dessa relação – o *nazifascismo*.

Segue a posição do historiador Ian Kershaw (2010, p. 143) a esse respeito:

> Um impulso significativo para vincular a aura de um homem predestinado a Hitler veio de fora da Alemanha. A chamada Marcha sobre Roma de Mussolini, em 28 de outubro de 1922, por mais fictícia que fosse a lenda fascista de uma ousada "tomada do poder", agitou profundamente o Partido Nazista. Ela sugeria o modelo de um líder nacionalista dinâmico e heroico marchando para salvar seu país dividido. O Duce proporcionou uma imagem a ser copiada. Em 3 de novembro de 1922, menos de uma semana depois do golpe de Estado na Itália, Hermann Esser proclamou para um Festsaal lotado na Hofbräuhaus: "O Mussolini da Alemanha chama-se Adolf Hitler". Esse gesto marcou o momento simbólico em que os seguidores de Hitler inventaram o culto ao Führer. A difusão das ideias fascistas e militaristas na Europa do pós-guerra significava que as imagens de "liderança heroica" estavam "no ar" e, de forma alguma, estavam confinadas à Alemanha. O surgimento do culto do Duce na Itália oferece um paralelo óbvio. Mas as imagens alemãs tinham naturalmente um sabor próprio, baseando-se em elementos inerentes à cultura política da direita nacionalista.

As características compartilhadas de um para com o outro, tais como a proximidade geográfica de seus países, a ambição pelo poder absoluto, o sentimento de unificação nacional, a proposta para um renascimento de uma "nova era" ante a humilhação imposta pelos organismos internacionais foram cruciais para que ambos compartilhassem planos para o futuro. Além disso no campo íntimo, os dois transpareciam claramente ser dotados de traços de uma personalidade narcisista, personalismo através do culto a própria imagem, aparições teatrais, oratórias eloquentes dirigidas as massas.

Contudo o mais grave disso tudo diz respeito ao ódio e desprezo direcionados a certas minorias sendo assim um outro aspecto torpe que uniam este e aquele. "[...] O fascismo e o nazismo sempre alardearam que o seu ódio não era dirigido contra determinadas classes, mas contra o sistema de classes em si, o qual denunciavam como invenção marxista [...]" (Arendt, 1989, p. 294). A admiração pessoal mútua de um para com o outro era como se firmassem uma espécie de "pacto de irmandade" entre os dois ditadores somando esforços para o que estaria por vir. Nas horas cruciais de conflito compartilhavam a forma de conduzirem suas ascensões, estratégias militares, cooperações logísticas, trocas de informações, etc.

> O que uniu estreitamente, apesar de todos os obstáculos, as relações entre a Alemanha e a Itália foi na verdade a simpatia pessoal que nasceu entre Hitler e Mussolini depois da primeira impressão negativa de Veneza. Eram profundamente semelhantes um ao outro, apesar de todas as diferenças de detalhe, embora a mobilidade, a extroversão de Mussolini, seu bom senso

> muito real, sua espontaneidade, seu generoso gosto pela vida estivessem em chocante contraste com a solene rigidez de Hitler. *A vontade de poder, à sede de grandeza, à irritabilidade, às fanfarronadas cínicas, ao gosto pelo "teatral" de um correspondiam, no outro, traços na verdade muito próximos.* Mussolini se sentia o irmão mais velho e gostava de fazer prevalecer, não sem tomar atitudes protetoras, a anterioridade do fascismo ante o nazismo. Como quer que seja, numerosos dirigentes do nacional-socialismo puseram-se a ler Maquiavel. No seu escritório da Casa Parda, Hitler tinha um grande busto do ditador italiano e, num gesto de respeito nada habitual nele, designou Mussolini o "chefe de estado mais importante do mundo, ao qual ninguém podia se comparar, nem de longe," quando da visita do ministro italiano do Exterior a Berchtesgaden (Fest, 2010, p. 420-421, grifo nosso).

Mas era preciso muito mais que uma simpatia mútua, era preciso incorporar as ações internas e unir esforços no sentido de colocar o movimento adiante e sustentá-lo. Aqueles que serão capazes de reunificar as suas respectivas nações depois da fragmentarização impostos por alguns acordos internacionais. Juntamente com o Japão formariam o "Eixo do Mal" que redundaria na 2ª Grande Guerra. Apesar do grande impulso tomado decorrente de seu admirador o acabou se invertendo a relação com aquele que um dia o inspirou: "Mussolini e sua revolução dos camisas-negras tinham sido uma fonte de inspiração para Hitler, mas então o mestre começou a imitar o pupilo" (Dikötter, 2022, p. 48). A Alemanha nazista acabou encabeçando o projeto expansionista invadindo e tomando vários países próximos entre eles a França, Polônia, Dinamarca e outros inclusive entre àqueles que formam o "cinturão" de países que pertencem ao chamado Leste Europeu estrategicamente, para depois, seguir em direção à Rússia, outro "alvo" importante para Hitler.

Ao analisar-se este fenômeno muito se discute acerca da ascensão do regime nazista e de seu líder. Para muitos houve certa "incredulidade" quanto do poder ofensivo de sua figura central. Para muitos não passava de um "lunático", um "pintor fracassado" que não tinha coragem de pôr em prática aquilo que vociferava com tanto clamor. Mediante sentimentos ambíguos a descrença na ascensão ao poder de Hitler não ocorreu durante somente seu nascedouro, mas, em todas as suas investidas posteriores. "As pessoas que dizem que Hitler é o anticristo, ou alternativamente, o Espírito Santo, estão mais próximas de entender a verdade que os intelectuais que, por dez sofríveis anos, acreditaram que ele é apenas um personagem de uma ópera cômica, indigno de ser levado a sério" (Orwell, 2020a, p. 38). Acrescentando logo depois: "[...] Apenas nos países de língua inglesa era elegante acreditar, na beira da erupção da guerra, que Hitler era um lunático sem importância e que os tanques alemães eram feitos de papelão [...]" (*Id. Ibid*.).

Nesse sentido vale tomar nota das considerações do ensaísta e romancista Thomas Mann que em seu artigo "O Meu Irmão Hitler" escrito em 1939, demonstra que, apesar

das flagrantes "inaptidões" de Hitler, ainda assim ele se mostrou eficiente em se utilizar de artifícios psicológicos como a autoestima abalada da nação no sentido de conseguir ludibriar a todos e impor suas vontades.

> Ora, este homem que nunca aprendeu nada, que nunca quis aprender nada por certa arrogância obstinada, que não é dotado de qualquer capacidade técnica ou física, ao contrário da maior parte dos homens, pois não sabe montar a cavalo nem conduzir um automóvel ou um avião, que nem sequer foi capaz de gerar uma criança, este homem, dizia, reúne em si o que é necessário para convergir com o seu povo: uma eloquência que arrasta massas, ainda que de qualidade ínfima, transformada em mero instrumento histérico e histriónico com o qual vai remexendo na ferida do povo, cativando-o com a profecia de uma grandeza saída das cinzas, atordoando-o com promessas, convertendo o sofrimento nacional em veículo para a sua glória, a sua ascensão a alturas fantásticas, ao poder absoluto, a compensações e sobrecompensações inauditas... (Mann, 2016, p. 143).

No decorrer do artigo percebemos como – além do título – Mann se recusa a referir-se a figura que comenta pelo nome, passando a referir ao mesmo como "este homem", dado o desprezo que nutria pela sua pessoa corroborando essa aversão quando diz: "[...] sei que o ódio que nutro por essa criatura miserável, ainda que fatídica, não é o melhor sentimento para alimentar dentro de mim" (Mann, 2016, p. 142).

Outra personalidade que identificou o oportunismo de Hitler em se apropriar do momento delicado que a Alemanha atravessava somadas as suas pretensões pessoais fora o então 1º Ministro inglês Winston Spencer Churchill, que em seu livro vencedor do Prêmio Nobel "Memórias da Segunda Guerra Mundial" (1948), disse: "Durante o inverno de 1918, enquanto ele jazia no hospital, cego e desamparado, seu fracasso pessoal pareceu fundir-se com o desastre de todo o povo alemão [...]" (Churchill, 2017, p. 34). Assim, depois de tantos danos – sobretudo, relacionados ao holocausto judeu – que o nazismo causou até a sua fragorosa derrocada muito se discutiu acerca de como aquilo pôde ter sido engendrado e de como o "resto do mundo" não foi capaz de evitar tal catástrofe anunciada cuja qual os nazistas não faziam questão nenhuma de escamotear.

Em seu artigo "Profecias do fascismo" Orwell comenta acerca desse equívoco por parte dos adeptos de uma corrente que ele seguia e bem conhecia – o marxismo:

> [...] Às vezes se alega que Marx falhou ao não prever a ascensão do fascismo. Não sei se ele previu ou não – naquela época ele só poderia fazê-lo em termos muito genéricos –, mas de qualquer maneira é certo que seus seguidores falharam ao não perceber perigo algum no fascismo até eles mesmos atingirem o portão do campo de concentração. Um ano ou mais depois que Hitler chegou ao poder, o marxismo oficial ainda proclamava que Hitler não tinha importância e que o "social-fascismo" (isto é, a democracia) é que era o real inimigo (Orwell, 2021d, p. 55).

Em outro artigo escrito em 1941 intitulado "Wells, Hitler e o Estado Mundial", dentre outros assuntos abordados Orwell, retoma a discussão da descrença agora por parte

dos escritos de um reconhecido intelectual contemporâneo seu de nome H.G. Wells. Wells a quem se refere a Hitler como "pequeno biruta gritante de Berlim", ressalta que quanto das pretensões expansionistas de Hitler não estavam logrando êxito como numa espécie de minimizar os danos nazistas até então criando uma atmosfera de "não preocupação".

Wells, em seu texto citado por Orwell refere-se ao poderio alemão como detentor de um "poder aéreo gasto", "soldados alemães abatidos", "armas inadequadas", "disciplina tacanha". Mas Orwell não via assim. Para tanto trata de admoestar Wells dizendo: "Já basta de se pensar no Exército alemão como ineficiente, seu equipamento inadequado, sua moral se partindo etc." (2020a, p. 36). Com isso o escritor inglês retoma a real dimensão do perigo que enfrentavam como algo não podia ser subestimado e que só terá o verdadeiro fim quando for aniquilado totalmente.

> Hitler é um lunático criminoso, e ele tem um exército de milhões de homens, aviões aos milhares, tanques às dezenas de milhares. Para seu bem, uma grande nação se sujeitou a uma sobrecarga de trabalho por seis anos e, depois, a combater por mais dois anos, seja pela visão de mundo essencialmente hedonística e de senso comum que Wells sugeriu, dificilmente uma criatura humana se sujeitará a derramar sangue. Antes de sequer começar a pensar na reconstrução do mundo, ou mesmo de paz, é preciso eliminar Hitler, o que significa entrar em uma dinâmica não necessariamente igual à dos nazistas, mas provavelmente tão inaceitável para pessoas hedonistas e "iluminadas" (Orwell, 2020a, p. 37).

Outro momento de análise que Orwell demonstra seu desapreço à figura em questão trata-se da crítica feita ao livro que traduzido para o português recebe o nome de "Minha Luta" (1925). Documento sob o qual é impossível entender o nazismo e seu líder sem lê-lo. Na verdade uma resenha chamada "Mein Kampf" do livro de mesmo título, uma espécie de autobiografia pessoal e política "escrito" (ditado por Hilter e escrito pelo seu então secretário Rudolf Hess) na prisão, depois do *putsh*, tentativa fracassada de tomar o poder através de um golpe. Seu conteúdo oscila entre aspectos autobiográficos, escritos políticos desprovidos de fundamentação lógica e sobretudo uma série de falsos fundamentos que conduzam a um ódio gratuito direcionados aos franceses, marxistas e especial aos judeus. Infelizmente, recentemente sua edição tem sido boicotada pela justiça brasileira até por editoras sérias, abrindo espaços para cópias clandestinas (essas sim perigosas), enquanto que no resto do mundo versões comentadas estão sendo editadas no sentido de melhor entender esse nefasto movimento além da mente doentia de seu autor.

Sobre o livro comenta o vencedor do Prêmio Orwell de 2014 Frank Dikötter (2022, p. 65):

> *Minha luta* resumiu bastante do que Hitler dissera nos discursos na cervejaria. Por trás de todos os infortúnios do país, seja um sistema parlamentar corrupto, seja uma ameaça do comunismo, havia o envolvimento de judeus. O programa dele era explícito: revogar o Tratado de Versalhes, expulsar os judeus, punir a França, construir uma Alemanha maior e invadir a União Soviética para garantir *Lebensraum* "espaço vital". No entanto, o livro também continha elementos da lenda que se tornaria Hitler. Criança geniosa, leitor voraz, orador nato, artista não reconhecido obrigado pelo destino a mudar a sorte de um povo. Um homem tomado por uma paixão como nenhum outro, aquela que lhe permitiu reconhecer as palavras que "abririam as portas do coração das pessoas como marteladas". Um homem escolhido pelos céus como um mensageiro de sua vontade. Como disse um apoiador próximo, Hitler era um oráculo, um *Traumlaller*, aquele que fala profeticamente em seus sonhos.

Complementando ainda sobre seu teor acrescenta Fest (2010, p. 142): "Concebido inicialmente como um relato e um balanço 'depois de quatro anos e meio de luta,' o livro tendia visivelmente a se transformar numa mistura de biografia, tratado ideológico e manual tático de ação, tudo completando a legenda do *Führer*." G. Orwell utiliza tal escrito como uma forma de analisar a *psique* do líder alemão, pois estão presentes ali suas intenções e pensamentos mais íntimos. Na primeira parte da citação a seguir tudo indica que os atos de Hitler acompanhavam o que dizia convicto da própria "realidade" que criou. Já na segunda parte ele se refere a duas nações – Inglaterra e Rússia – que coincidentemente o nazismo tentou mas não conseguiu invadir e ocupar. De certa forma ambas as cidades são simbólicas para Orwell. A primeira por ser seu berço, local de sua formação familiar; a segunda por ser o lugar onde estavam sendo implantadas as transformações através da revolução bolchevista que se aproximava, e em certa medida, de suas convicções ideológicas.

> Não obstante, com a simples evidência do conteúdo de *Mein Kampf*, é difícil acreditar que tenha havido qualquer mudança real nos objetivos e nas opiniões de Hitler. Quando se comparam seus pronunciamentos de um ano atrás com os que foram feitos quinze anos antes, o que impressiona é a rigidez de sua mente, o modo como sua visão de mundo não evolui. É a visão fixa de um monomaníaco e não susceptível de ser muito afetada pelas manobras temporárias da política do poder. É provável que, na própria mente de Hitler, o Pacto Russo-Alemão não represente mais do que uma mudança no cronograma. O plano apresentado em *Mein Kampf* era esmagar primeiro a Rússia, com a intenção implícita de esmagar a Inglaterra em seguida. Agora, como as coisas se apresentam, a Inglaterra tem de lidar com o fato de ser a primeira, porque a Rússia foi, entre as duas, a mais fácil de subornar. Mas a vez da Rússia chegará quando a Inglaterra já estiver fora de cena – é assim, sem dúvida, que Hitler encara a questão. Se vai acontecer desse modo é, evidentemente, outra questão (Orwell, 2017, p. 27-28).

O contexto de tensão bélica, do nazismo e de sua figura atravessou o gênero dos textos ensaísticos, críticos e jornalísticos e adentrou a sua ficção. Um de seus romances menos conhecidos de nome "Um pouco de ar, por favor!" (1939) é uma ficção onde se passa em períodos de entre guerras. Nele, Orwell se despe de seu teor distópico futurista

visto “1984” e de fábula em “A Revolução dos Bichos” para enveredar numa obra de caráter mais realista. A vida do protagonista gira em torno das elucubrações sobre diversos temas travados pelo corretor de seguros de nome George Bowling sujeito que teve sua história de vida influenciada pelos intervalos das 1ª e 2ª guerras mundiais.

É relatado na primeira parte do livro, e por esse motivo não muito empolgante, sobre sua vida pessoal. Contudo, não deixa de ser relevante pelo fato de ser um momento onde pode se encontrar semelhança com a vida do leitor. Demonstra como a vida era antes da 1ª guerra e de como a vida se tornou nada empolgante depois dela. O receio e o medo de tudo se repetir novamente e o pior com maior intensidade, de certa forma sufocava-o mediante a vida entediante vivida e um futuro nada promissor Bowling se refugia no único lugar onde pode (re)encontrar o “ar” o passado o saudosismo nos lugares onde um dia pode contar com uma vida boa.

Contudo, sua realidade é sagaz em demonstrar exatamente o oposto: “[...] Medo! Nos nadamos nele. É o nosso elemento. Todo mundo que não tem medo de perder o emprego tem medo de guerra, ou fascismo, comunismo ou algo assim, Judeus suam quando pensam em Hitler [...]” (Orwell, 2021e, p. 19). A experiência desse personagem é capaz de fazer-nos refletir como a atmosfera de tensão, medo e o avanço do totalitarismo pode impor aos civis.

> Hoje em dia, toda pessoa que pensa fica dura de medo. Este é apenas um sujeito que tem previsão suficiente para ficar um pouco mais assustado do que os outros. Hitler está atrás de nós! Rápido! Vamos todos pegar uma chave-inglesa e ficar juntos, e talvez se esmagarmos o rosto deles, aí eles não esmagarão o nosso. Escolha o seu líder. Hitler é preto e Stalin, branco. Mas pode ser o contrário, porque na mente do pequeno rapaz, Hitler e Stalin são os mesmos. Tanto chaves-inglesas quanto rostos quebrados (Orwell, 2021e, p. 114).

Assim ao tecer suas considerações acerca da figura que foi Adolf Hitler reiteradas vezes da falha inicial em ter deixado o “ovo da serpente” chocar, barrado ainda no nascedouro. Assim como fazia questão de frisar bem o fascismo como um movimento perigoso; em determinado momento se deixou levar pelo o que o “senso comum” considerou Hitler um sujeito que deveria ser fazendo nascer nele um sentimento extremo que tanto procurou combater: “Eu gostaria de deixar registrado que nunca fui capaz de não gostar de Hitler. Desde que ele chegou ao poder – até então, como quase todo mundo, fui enganosamente levado a pensar que ele não tinha importância –, acho que decerto o mataria se pudesse ter acesso a ele, mas sem sentir nenhuma animosidade pessoal” (Orwell, 2017, p. 28-29).

3.3 Stálin venceu o fascismo?

Outro personagem que não foi capaz passar despercebido perante a artilharia crítica de Orwell, trata-se do então Secretário Geral do Partido Comunista Joseph Vissarionovich Stálin. Diferentemente dos anteriores, com relação a esta figura histórica em específico há uma peculiaridade que merece ser destacada. De certa forma, Orwell não era só "simpatizante", mas, também, militante político da ideologia política que Stálin representou em seu estado mais puro – o socialismo/comunismo.

Se com relação aos dois anteriores que comumente são associados ao espectro político da "extrema-direita" agora – com este exemplo – podemos vislumbrar o que pesa sobre o outro oposto. De tanto presenciar o recém "empossado" líder soviético tomar atitudes nada pertinentes e por que não dizer "antidemocráticas" ou "totalitárias", Orwell não poupou críticas concernentes à sua forma de agir. De certa forma Stálin ultrapassou a linha tolerável do bom senso angariando a proeza de ser uma figura controversa até mesmo entre o meio esquerdista. Em seus escritos é possível se dar conta, que para Orwell, o desenrolar do governo stalinista acabou se transformando numa grande decepção.

Stálin assim que assumiu o poder perpetrou uma forma de governar temerária. Pesam sobre ele acusações tais como: sucessivos expurgos, perseguições não só de opositores, mas, também de ex aliados, os *Gulag* (uma versão soviética dos campos de concentração), e talvez o mais terrível deles o holomodor. Por outro lado, é atribuída à mesma figura como aquele que foi capaz de aniquilar, de uma vez por todas, o fascismo europeu. Não era surpresa para ninguém que Orwell era abertamente e ideologicamente alinhado com os movimentos chamados "de esquerda", mas isso não quer dizer que ele estava disposto a levar suas convicções políticas a todas consequências. Como intelectual e escritor, sempre se posicionou como um "pensador independente", daí sua perspicácia em se desvincular a toda e qualquer tendência autoritária que um governo possa possuir, ainda que da sua "simpatia".

Aqui também vale fazer a ressalva quanto aos avanços da doutrina marxista que encontrou na Rússia as condições ideais para tirar do papel os ditames propostos por Karl Marx e Friedrich Engels. Através de um curto livreto intitulado "Manifesto Comunista" (1848), uma conclamação para a classe proletária tomar ciência de um programa de ação no sentido de perpetrar a revolução. O professor mestre em Língua e Literatura Russa pelo Instituto Pushkin de Moscou Angelo Segrillo (2017, p. 481), em seu artigo: "Karl

Marx e a Revolução Russa" diz: "Karl Marx e a Revolução Russa! É uma combinação de duas expressões que tendemos a receber de forma natural e até como intrinsecamente imbricadas entre si, já que a revolução bolchevique foi realizada em nome dos ideais e da teoria de Marx. O marxismo foi a ideologia motora da União Soviética em todos os seus anos de existência."

Essa, portanto, essa é a ideologia na qual fica impossível fazer referência a alguns países com orientação comunista sem citá-la. Nesses governos as figuras de Marx e Engels são ostentadas em monumentos, pinturas em painéis gigantescos, inclusive nos desfiles militares, em meio a todo aparato beligerante e tropas, onde suas imagens enquadradas são comumente expostas como estandartes. Governos com orientações comunistas incluem em seus brasões a ilustração da *foice* e do *martelo* entrelaçados representando os trabalhadores *rurais* e *urbanos* respectivamente.

A disseminação da ideologia marxista pelo globo rompeu fronteiras, influenciando países independentemente de suas peculiaridades culturais em praticamente todos os continentes. Surgiu como contraponto a ascensão do capitalismo como uma forma de contestar o sistema em suas flagrantes contradições sociais, onde se constrói um fosso enorme de desigualdade social para a maioria das pessoas. Isso tudo somado as mazelas sociais, formaram um caldeirão propício para a "explosão" de movimentos revolucionários.

Antes, porém, de tecer algumas considerações sobre as mais diversas ressalvas de Orwell para com Stálin, vale relatar, em linhas gerais, acerca de como a Revolução Russa se desenrolou e como a figura de Stálin ascendeu ao posto de representante maior desse movimento. Os pesquisadores Ivo Tonet e Sergio Lessa (2018) defendem que para bem entender esse movimento é necessário se atentar ao contexto em que ocorreu, notadamente naquela parte do globo.

> É nesse contexto histórico que acontece a revolução russa. Os fatos gerais são bastante conhecidos. A começar pelo fato de que a Rússia era, nessa época, um país muitíssimo atrasado em termos econômicos, políticos, sociais e culturais. O grande meio de produção, que era a terra, estava em mãos de uma diminuta nobreza de tipo feudal. A ampla maioria da população era composta de servos e camponeses trabalhando e vivendo em condições extremamente precárias e sem acesso à propriedade da terra. Além disso, havia uma burguesia muito incipiente – a industrialização começou por volta de 1870 – e dependente de capitais estrangeiros – especialmente ingleses e franceses. Do mesmo modo, uma classe operária muito diminuta se comparada com o campesinato e, obviamente, com pouca tradição de luta e formação técnico-cultural (Tonet; Lessa, 2018, p. 20).

Apesar da pompa real, dos grandes reis, a população sofria com graves problemas sociais em detrimento da vida luxuosa nos palácios da realeza russa. A forma arbitrária

como os czares enfrentavam as reivindicações populares também era outro fator que desagradava. Esse pormenor pode ser bem ser resumido no episódio que ficou marcado chamado “Domingo Sangrento”, no qual em meio a uma manifestação pacífica de trabalhadores de uma fábrica a guarda real começou a atirar matando centenas desses manifestantes. Falta generalizada de bons serviços sociais no campo educacional e de saúde em detrimento das potencialidades visíveis que o território oferecia, decerto, favoreceu para inflamação das insatisfações.

Uma população agrária que além de sofrer com a grande concentração de terras nas mãos de poucos (*kulacs*) através dos latifúndios nem sempre podiam contar com terras e climas favoráveis diante das tempestades glacias que tomam especialmente boa parte norte do território russo. Assim as reinvindicações não se restringiam somente as requisições urbanas mas do território russo como um todo, já que se trata aqui de um território com dimensões continentais. Os camponeses como agentes cruciais para essa mudança, em especial para fortalecer o partido numericamente. Sob o lema “Paz, pão e terra” realizar a tão sonhada reforma agrária. Trabalhadores rurais explorados, más condições de trabalho em meio a latifúndios nas mãos dos czares e das elites.

> No princípio de outubro, a insurreição surgia por todos os lados, espontaneamente; os tumultos nos campos se estendiam pelo país inteiro. “As províncias de Tula, Tambov, Riazan, Kaluga, se sublevaram. Os camponeses que esperavam da revolução a paz e a terra, decepcionados, se insurgem, apropriam-se das colheitas dos proprietários, queimando suas residências. O governo de Kerenski reprime, quando tem força. Felizmente, estas forças são restritas.” “Esmagar a insurreição camponesa”, advertia Lenin, “seria o mesmo que matar a revolução”. Nos sovietes das cidades e das forças armadas, os bolcheviques, ainda há pouco em minoria, tornaram-se maioria (Serge, 1993, p. 56).

Todo movimento dessa envergadura requer um líder, aquele capaz de aglutinar o maior número de pessoas em prol de uma causa, um agitador das massas que domine a oratória como alguém capaz de liderar a entrada na inauguração de um novo tempo. Nesse caso fala-se aqui de Vladimir Ilitch Lênin. Até então um jovem com 17 anos não tinha maiores envolvimentos com a política até que seu viu seu irmão Alexandre Ulyanov, ser executado a forca aos 21 anos de idade, por ter sido acusado, juntamente com outros militantes políticos revolucionários pertencentes ao chamado grupo “Vontade do Povo” na tentativa fracassada de assassinar o czar Alexandre III. Depois disso a monarquia se empenhou ao máximo para desbaratar e aprisionar todos os conspiradores envolvidos. Demonstrava que alguns revolucionários mais radicais defendiam não só a deposição da monarquia mas era preciso tratar com um remédio mais amargo – matar o maior número possível de membros da familiar real russa, como uma forma de eliminar o “mal maior”

pela “raiz”.

Segundo um dos seus maiores biógrafos Robert Service (2021, p. 22):

> Lenin foi uma figura excepcional. Fundou uma facção comunista, os bolcheviques, a qual transformou num partido que fez a Revolução de Outubro de 1917. Era proclamado o primeiro Estado socialista do mundo. Esse Estado – centro territorial do que acabou virando a URSS – sobreviveu contra tudo e todos. Lenin e a liderança comunista retiraram a Rússia da Primeira Guerra Mundial e ganharam a guerra civil. Fundando a Internacional Comunista, deixaram sua marca na política de todo o continente. A URSS era um farol para os socialistas de extrema esquerda de todo o mundo e um rochedo perigoso para socialistas conservadores, liberais e outros. A interpretação de Lenin sobre doutrinas de Marx e Engels tornou-se as sagradas escrituras para comunistas e, quando ele morreu, foi designada como marxismo-leninismo.

Diante da sua importância, do êxito e da eclosão e consolidação do movimento revolucionário, Lenin gravemente convalescido e próximo da morte sabia que tinha de deixar um sucessor face a tão importante feito alcançado. Para tanto começou a redigir seu testamento em 23 de dezembro de 1922. Haviam dois nomes principais dentre os revolucionários mais próximos: Trotski e Stálin. “Estava longe de receber Trotski de bom grado como seu único sucessor, embora ele fosse presentemente seu principal aliado. O testamento prosseguia com idiossincrasias. Lenin estava sugerindo, o que ninguém mais na época sugeriu, que Stalin poderia ser um sério concorrente à sucessão” disse Service, (2021, p. 642) sobre essa disputada sucessão.

Decerto, não foi uma das tarefas mais fáceis escolher uma liderança em meio a várias correntes de pensamentos diferentes, na busca de um sucessor que preservasse seu legado e que conduzisse o governo do proletariado rumo ao século XX. Por outro lado, Service (2021, p. 669) defendia “que ele, e não Stalin, era o sucessor político preferido por Lenin. Trotski opunha-se à ‘escola stalinista de falsificação histórica’”. Mas toda e qualquer manobra sua não foi suficiente para fazer frente a forma nada ortodoxa que se opositor opunha. Assim se deu início a uma disputa interna sem precedentes causando um “racha” entre apoiadores de um e de outro para saber dentre os dois que era o legítimo herdeiro do legado leninista e que assumiria os rumos da Rússia revolucionária dali em diante.

> Lenin não nomeou um sucessor, mas, em 1922, escolheu Stalin para o novo posto de secretário-geral como uma forma de deter Trotski, que se opunha à Nova Política Econômica encabeçada pelo líder. [...] Trotski passou a ver a Nova Política Econômica como uma rendição aos capitalistas e camponeses ricos – por isso, exigia um papel ainda maior para o Estado na economia (Dikötter, 2022, p. 104).

E assim que Stálin assume o poder e passa ser, de certa forma, o representante maior do movimento que exerceu influência a nível global com reflexos claros vistos até

os dias de hoje. Todos os estados nacionais que tiveram sucessivas ondas de ascensão socialista em seus países tinham a URSS como referência maior, sendo entre aqueles pertencentes ao leste europeu ou não. O novo líder soviético – diante desse poder de influência global – não cogitava perder a oportunidade de expandir e de manter seu poder recém conquistado, por isso começou sua campanha de consolidação daquilo que viria ser chamado posterirormente pelos historiadores de *stalinismo*. Hoje, querendo ou não, essa palavra muitas das vezes é associada como sinônimo de atitudes autoritárias, ditatoriais e extremadas.

> Stalin, por volta de 1928-29, estava iniciando seu primeiro Plano Quinquenal. Arrebanhou camponeses para fazendas coletivas, reprimiu sua resistência, deteve e aprisionou nacionalistas, líderes religiosos, intelectuais críticos e oponentes internos do Partido. Em 1937-38, por sua instigação, grassava um Grande Terror. Ao longo desse período, ele fabricou um "Lenin" que satisfazia, nos menores detalhes, suas atuais exigências. O Lenin de Stalin sempre foi o amigo de Stalin. Pretensamente, contara com Stalin para receber conselhos e reconhecera Stalin como seu mais digno sucessor. O conteúdo do testamento político de Lenin foi banido da mídia de comunicação pública, e os oponentes da nova versão oficial do passado foram executados ou atirados no sistema Gulag de campos de trabalhos forçados (Service, 2021, p. 668-669).

Suas ações e atitudes foram acompanhadas de perto pelo movimento socialista internacional sendo alvo de muitas análises. Trotsky temendo pela sua vida teve se exilar no México e de lá teve de exercer sua militância, sobretudo, como intelectual. Aproveitou para começar uma campanha contra os desmandos do agora opositor dirigida a comunidade internacional. Essa atitude foi o estopim para sentir mão pesada do outrora camarada Stálin. Morto a golpes de picareta no crânio por um agente enviado pelo líder soviético para este fim. Seu maior inimigo estava eliminado. Por essas e outras e já que Orwell mantinha suas ressalvas com Stálin, presumindo-se que essa aversão tenha favorecido para que o escritor inglês nutrisse uma certa simpatia com Trotsky.

Contudo, no sentido de melhor vislumbrar nosso percurso e contextualizar a produção ficcional do autor estudado não há como de deixar de fazer referência desse momento histórico a sua segunda principal obra ou pelo menos a mais conhecida "A Revolução dos Bichos". "[...] *A revolução dos bichos* foi o primeiro livro em que, com plena consciência do que fazia, tentei conjugar o propósito político e o propósito artístico num texto só [...]" (Orwell, 2021b, p. 24). Nesta através de uma sátira Orwell faz uma genial crítica quanto da Revolução Russa evento que mudou o paradigma político global, e que deu fim ao domínio monacal de trezentos da família perpetrado pela família Romanov que imperava despoticamente no território russo. Vários personagens são colocados como espelho de personagens reais da revolução e pós-revolução. No plano de

personagens o Major (para uns, representa Marx; para outros, Lenin), Napoleão (Stálin), Bola-de-neve (Trótski) e assim sucessivamente. As instituições, por sua vez, eram representadas pelo porco Garganta (a desinformação), as ovelhas (as massas alienadas), os cachorros (guarda pessoal).

Além disso, a obra demonstra como se deu a sucessão da liderança e do comportamento dos novos líderes a parir daí. Leva a discussão de como a liderança representada no porco Major que incialmente critica a forma de viver dos fazendeiros onde todos os bichos eram explorados mas que no final acaba absorvendo as atitudes dos mesmos, inclusive passando morar ele e seus aliados mais achegados na sede da fazenda com todo o seu conforto, enquanto que o resto dos revolucionários permaneciam na mesma (ou pior) condição que antes.

Um dos maiores especialistas em Orwell o crítico literário anglo-americano e biógrafo de Orwell, Christopher Hitchens, com relação a essa obra em específico resume bem o seu teor principal sem deixar de traçar um paralelo ao contexto histórico que se insere:

> No momento em que a ação do livro começa, todos os bichos da opressiva fazenda do sr. Jones são convocados para ouvir a última mensagem do velho porco moribundo que era o animal mais respeitado de toda a propriedade. O velho Major analisa a vida de provação e sacrifício dos animais, conclama todos a derrubar seus opressores e pinta um quadro de um futuro radioso baseado no princípio da ajuda mútua e da prosperidade. Propõe um hino, "Bichos da Inglaterra", para servir como sua ver são da "Internacional Socialista". Em seguida morre, mas a mensagem arrebatadora dessa figura inspirada em Marx logo é adotada pelos porcos mais cultos, a *intelligentsia* do mundo animal. Conseguem forjar uma aliança entre os fortes cavalos Sansão e Quitéria, que representam o proletariado, e os elementos disparatados do campo e da classe média representados pelas ovelhas, pelas vacas, pelas galinhas e outras forças dos pastos e do quintal. Só a égua branca Mimosa – um tipo pequeno-burguês que tinha sido alvo dos mimos do sr. Jones – e Moisés, o corvo – ave de uma eloquência crocitante e vocação de pregador que fala de um mundo além do céu –, permanecem indiferentes. Numa série de batalhas, não só expulsam o sr. Jones como ainda derrotam suas tentativas de restaurar-se no poder com a ajuda de fazendeiros vizinhos. Começa então um período de intensa construção, acompanhada de isolamento e perigo e, cada vez mais, da sensação de que os porcos se tinham apoderado de uma fatia excessiva de poder e privilégios (Hitchens, 2007, p. 115-116).

Apesar da obra ser relativamente "curta" como uma novela e podendo ser lida sem maiores problemas de interpretação até pelo público juvenil, ela esconde algo maior em suas entrelinhas – possuir o poder impressionar os leitores nos seus mais íntimos detalhes. Elementos cujos quais fica impossível fazer referência sem traçar um paralelo a até então recém instalada à revolução. Como visto, nenhum animal é retratado por acaso, cada um tem sua importância na narrativa encontrando similaridade com a realidade até entre aqueles que aparatam se posicionarem como meros coadjuvantes tais como o cavalo, o

corvo, as ovelhas. Cada um deles encontra verossimilhança a uma figura ou instituição, assim como o Sr. Jones representa o Czar e sua fazenda o domínio da monarquia russa, no caso nas mãos da realeza tricentenária, complementando C. Hitchens a sua tese:

> Qualquer um que conheça um pouco a história da Revolução Russa já terá percebido as semelhanças. E Orwell ainda fez o possível para sublinhar e enfatizar alguns paralelos. A excomunhão dos dissidentes, a reescritura da história, os julgamentos espetaculares e as execuções em massa são representados com grande nitidez. O fim do nobre cavalo Sansão, que trabalha até morrer e no final é despachado da maneira mais cínica, é uma cena de emoção intensa e terrível, e sabe-se que tende a comover mesmo os leitores mais jovens, que só têm uma noção muito vaga da analogia histórica. (Vários dos contemporâneos de Orwell lhe escreveram contando que seus filhos tinham gostado muito do livro só pela sua história.) Mas é o cuidado com os detalhes que impressiona: Moisés, o corvo, acaba obtendo permissão de voltar à fazenda, assim como Stálin permitiu a reentrada em atividade da Igreja ortodoxa russa durante a Segunda Guerra Mundial, e a "Internacional Socialista" foi substituída por versos e palavras de ordem mais simples (Hitchens, 2007, p. 116-117).

Concluindo por fim:

> Os trotskistas denunciavam Stálin como o "coveiro" do leninismo; os stalinistas reivindicavam o manto de Lênin. Só as forças conservadoras diziam que o leninismo e o stalinismo não passavam de dois nomes para a mesma coisa. E toda a "moral" da história se perde se a ideia da revolução dos bichos for perversa ou irracional desde o início. Assim, conscientemente ou não, Orwell apaga a figura que teria deixado sua história um pouco complicada demais. (Estranhamente, ou talvez por motivos semelhantes, também existe um Stálin, na forma do Grande Irmão, e um Trotski, na forma de Emmanuel Goldstein, em *1984*. Mas Lênin está ausente.) (Hitchens, 2007, p. 117).

Realizada a devida ressalva, uma observação quanto a ascensão soviética em detrimento da supressão clara de alguns direitos conquistados pela humanidade. Orwell mesmo sabendo que o domínio nazista não tinha força suficiente para se sustentar por si só e que teria um fim próximo se demonstra preocupado ao que poderá vir depois. Abandonar o pacifismo e combater o "mal" pelo "mal", não parece ser na sua visão particular os mais adequado nas suas palavras. "No conjunto, a *intelligentsia* inglesa se opôs a Hitler, mas somente ao preço de aceitar Stálin. A maioria está perfeitamente pronta para métodos ditatoriais, polícia secreta, falsificação sistemática da história, etc., desde que ache que isso está do 'nosso' lado" (Orwell, 2013, p. 166). Aceitar qualquer coisa sem calcular os possíveis riscos alijado de um juízo crítico, àquele que é conhecido por ter "esmagado o fascismo", mas que de uma forma ou de outra passou a fazer o mesmo uso dos artifícios nada convencionais e similares aos daqueles que ele se propôs a combater.

Em seu "Diário de Guerra" datado de 3 julho de 1941, Orwell diz:

> Não há melhor exemplo da superficialidade moral e emocional da nossa época que o fato de que agora todos somos mais ou menos pró-Stálin. Esse *assassino abominável* está provisoriamente do nosso lado, e por isso os expurgos etc. de repente são esquecidos. O mesmo vai se dar com Franco, Mussolini etc. caso acabem aderindo a nós. Na verdade, o máximo que se pode dizer a favor de Stálin é que talvez seja sincero enquanto indivíduo, o que não se pode dizer dos seguidores, pois as suas incessantes mudanças de posição são, de qualquer modo, decididas por ele próprio. É um daqueles casos de "quando o pai se vira [na cama], todos os outros se viram", e o pai presumivelmente se vira conforme sopra o espírito (Orwell, 2020b, p. 51-52, grifo nosso).

Cartas, assim como os diários, são gêneros onde predominam relatos íntimos e confessionais, que normalmente são evitados de serem ditos de maneira mais explícitas. Daí a importância de suas consultas quando se propõe a fazer uma análise mais minuciosa de um autor ou personalidade estudada. O registro demonstra o receio de Orwell para com a nova figura, e de como o modelo de figuras autoritárias persistem independentemente de estrarem sendo expostas ou não. O fato de ter de se aliar a um "assassino abominável" forçava Orwell a fazer um (re)exame de consciência de que até que ponto a luta por um ideal poderia levar um simpatizante. Contudo, diante do impasse uma coisa não pode ser negligenciada: não há como dar trégua ao "totalitarismo". Tem de haver uma constante vigilância para com todo e qualquer tipo de governo sem paixões, sem cegueira ideológica capaz de esconder o que não convém independentemente de onde venha. Posteriormente em carta dirigida à Noel Willmett, no dia 18 de maio de 1944, Orwell, ainda nesse mesmo sentido confidencia ao amigo:

> Devo dizer que creio, ou receio que levando em conta o mundo como um todo, essas coisas estão em crescimento. Hitler, sem dúvida, desaparecerá em breve, mas somente às custas de fortalecer (a) Stálin, (b) os milionários angloamericanos e (c) todas as espécies de pequenos *fuhrers* do tipo de De Gaulle. Todos os movimentos nacionalistas do mundo, até mesmo aqueles que se originaram na resistência à dominação alemã, parecem assumir formas não democráticas, agrupar-se em torno de algum *Fuhrer* super-humano (Hitler, Stálin, Salazar, Franco, Gandhi, De Valera são todos exemplos variados) e adotar a teoria de que o fim justifica os meios (Orwell, 2013, p. 165-166).

Suas críticas ao totalitarismo em geral não se restringiam somente ao campo sócio-político, mas também no econômico como neste: "O que quer que possam ser como teorias econômicas, o fascismo e o nazismo são, em termos psicológicos, muito mais sensatos do que qualquer concepção hedonista da vida. Provavelmente o mesmo vale para a versão militarizada do socialismo de Stálin. Todos esses três grandes ditadores aumentaram seu poder impondo cargas intoleráveis a seus povos" (Orwell, 2017, p. 30). Para um ditador não importa quais instrumentos e meios utilizados. Todo o aparato estatal deverá e será aplicado no sentido de alienar e enfraquecer as massas.

Por fim, podemos reconhecer que Stálin foi crucial para dar o "xeque-mate" em

Hitler através da invasão das tropas vermelhas em Berlim, quando o líder alemão acuado tentava resistir em vão em seu *bunker* já sem saída. Não restou a ele e seus asseclas mais próximos recorrerem ao suicídio, sendo esse fato em específico crucial para o desfecho da 2ª Grande Guerra. Com o fim dela as superpotências não tardaram em planejar auferir os "louros" da vitória. EUA (representado por Truman), Inglaterra (Churchill) e União Soviética (Stálin) dividam oficialmente os espólios de guerra na Conferência de Potsdam. A partir daí o que se viu foi uma polarização global entre os EUA (capitalista) e a URSS (comunista) que lutavam pela hegemonia mundial. A morte do *führer* mais os despejos das bombas atômicas americanas no Japão foram os dois momentos decisivos para o triunfo dos aliados em meio a resolução final do conflito.

Tendo, pois, testemunhado todos esses episódios, em especial o poder de destruição da bomba atômica, Orwell no dia 19 de outubro de 1945 se põe a escrever o artigo para o jornal *Tribune* de título "Você e a Bomba Atômica". Neste escrito mediante sua proliferação do potencial destrutivo como os vistos em Hiroshima e Nagasaki, alerta Orwell para abrir espaço a uma espécie de "guerra fria" termo atribuído à sua figura. Seu maior temor era que a produção indiscriminada e guarda de arsenais dessas naturezas no futuro transformaria seu depositário "num Estado que era ao mesmo tempo invencível e num estado permanente de 'guerra fria' com os seus vizinhos." Coincidência ou não foi o que justamente ocorreu no mundo com a que teve sua culminância na chamada "Crise dos Mísseis" nos anos subsequentes, na qual, por muito pouco, o mundo não vivenciou a tão temida guerra nuclear.

4. ORWELL MILITANTE: a vida nada convencional de um intelectual engajado

4.1 Aspectos biográficos e militância

Eric Arthur Blair (1903 – 50), o nome de batismo do autor estudado, nasceu no início do século XX na Birmânia, importante cidade indiana, uma das muitas colônias que o império inglês incorporou aos seus domínios e que depois passou a ser conhecida como a "Índia britânica". Isso de seu deu depois das investidas neocolonialistas mediante as tratativas formadas entre potências europeias quando do chamado Tratado de Berlim no momento histórico conhecido como "partilha" da África e da Ásia.

Tanto com relação ao contexto geográfico e histórico de seu nascimento bem como o que procedeu depois disto pode-se dizer que Orwell teve uma vida bastante peculiar. Ter nascido em outro país em condições nada democráticas além de ter levado uma vida familiar de ordem afetiva e financeira desfavoráveis refletiram diretamente na sua concepção de mundo bem como na sua evolução como sujeito pensante. Por outro lado todo esse amálgama de condições, decerto, contribuíram sobremaneira para a sua formação e sua visão acerca da realidade que o cercava, sua postura perante a ela e seus posicionamentos políticos que o notabilizaram perante toda a comunidade intelectual.

Sobre sua formação e contexto familiar deixemos o próprio se pronunciar:

> Nasci na Índia em 1903. Meu pai trabalhava na administração colonial inglesa, e minha família era uma dessas famílias comuns de classe média de soldados, religiosos, funcionários públicos, professores, advogados, médicos etc. Estudei em Eton, a mais cara e esnobe das Public Schools da Inglaterra. Mas só fui aceito lá graças a uma bolsa de estudos; de outro modo, meu pai não teria meios de me mandar para uma escola desse tipo (Orwell, 2007, p. 141).

Como visto seu próprio local de nascimento bem como ao longo de parte considerável de sua vida está intrinsecamente interligada com a questão do imperialismo. Assim como o pai – por necessidade, não por opção – acabou se tornando soldado da Inglaterra imperialista. Essa particularidade moldou seu posicionamento e suas considerações acerca de questões diversas que perpassavam desde o colonialismo, vida social, política, cultural de sua época. Mediante o fato de ser um autêntico cidadão do império britânico, país com um número considerável de colônias, legalmente poderia reivindicar sua condição como um sujeito de legítima nacionalidade "inglesa" ou como um "súdito da rainha", mas, sua visão crítica refletida em suas produções indicam que ele preferiu se posicionar politicamente como uma importante voz questionadora e favorável

ao outro lado ainda que essa atitude confrontasse as suas origens. Além disso, a vida familiar foi outro momento decisivo para sua formação e que refletiu diretamente na sua condição como escritor. A literatura, em certa medida, foi o "escape" encontrado por Orwell como uma forma de combater os males que a vida familiar e social lhe impunha. A condição de bolsista em uma escola da elite, o subemprego do pai que não só forneciam poucas condições materiais, mas, alijava o mesmo de uma vivência familiar mais palatável foram fatores que moldaram o caráter de Orwell.

> Dos três filhos que meus pais tiveram, eu era o do meio, mas havia um intervalo de cinco anos entre cada um de nós, e eu mal vi meu pai até meus oito anos. Por essas e outras razões, fui um tanto solitário e logo me adaptei a certas manias desagradáveis que me tornaram bastante impopular no colégio. Tinha o hábito, típico de crianças solitárias, de inventar histórias e manter conversas com pessoas imaginárias, e acho que desde o início minhas ambições literárias se misturavam ao fato de me sentir isolado e subestimado. Sabia que tinha facilidade com as palavras e o poder de lidar com fatos desagradáveis, notei que isso havia criado uma espécie de mundo particular, onde eu poderia me vingar do meu fracasso na vida cotidiana (Orwell, 2021b, p. 13).

A ausência da figura paterna, condições desfavoráveis somadas a personalidade mais introspectiva, decerto, contribuíram para sua formação como escritor. Contudo, na sua condição, não bastava ser somente mais um mas um escritor engajado consciente do papel que pode exercer perante a sociedade ao qual estava inserido, fazendo da sua obra um libelo contra injustiças humanitárias de toda ordem. Então podemos afirmar – que consciente ou inconscientemente – Orwell comungava dessa ideia.

Mais que isso a literatura tem um papel fundamental nesse processo levando as massas a ver o que está implícito nas entrelinhas. Não cogitava com a ideia de se conformar em ser "intelectual de gabinete", mas a necessidade de alinhar seu discurso com a prática na medida em que suas convicções fossem desenvolvidas conduzindo-o para a ação. Para muitos esse deve ser um papel primordial para um artista. O filósofo e escritor francês Jean-Paul Sartre era um dos principais pensadores que mais defendiam essa posição. Para Sartre (2006, p. 204): "A cada dia é preciso tomar partido, em nossa vida de escritor, em nossos artigos, em nossos livros. [...] Que essa liberdade se manifeste em nossos romances, nossos ensaios, nossas peças de teatro."

Assim, durante sua trajetória já como um autor investido de consciência social não se eximiu de sair da "zona de conforto", para defender suas ideias muita das vezes atuando com o papel de jornalista e inclusive em situações mais extremadas como a luta armada, caso fosse necessário, conforme será visto mais adiante. Em sua biografia, pelo menos até agora, não se tem notícia usou de sua militância como forma de se locupletar com isso

e/ou barganhar cargos públicos pois, se assim o fizesse, certamente comprometeria todo seu legado construído. “A primeira coisa que impressiona qualquer estudioso da obra e da vida de Orwell é sua *independência*” arrematou um de seus principais biógrafos Hitchens (2010, p. 11). Seus interesses não eram movidos por questões pessoais, mas sobretudo coletivas. Sua vida de certa forma testifica que nesse caso a *literatura* sobrepôs à *política*(gem) não à toa historicamente, a *primeira* se arvora na maioria das vezes como mais benéfica e nobre que a *segunda*.

Ao deparamos com o seu romance “A flor da Inglaterra” (1936) a narrativa parece ser uma sátira a essa condição. Nela, em linhas gerais, o aspirante a poeta Gordon Comstock, decide não mais se tornar um seguidor da “religião capitalismo” no intuito de se dedicar exclusivamente aquilo que faz sentido a sua vida – a arte literária. Assim como seu personagem Orwell sabia que tomar a decisão de ser escritor imporia grandes desafios. Pouco lucrou com o seu trabalho de escritor sendo a capacidade de retorno disso na através da repercussão positiva de seu obra através da formação da consciência crítica de seus leitores serem a maior forma de pagamento que poderia receber. Cada vez mais as desigualdades sociais vão avançando mais se tem a necessidade de artistas voltados para se atentar a essa realidade não só como uma forma de revelar para si o implícito, mas sobretudo à coletividade, muitas das vezes “adormecida” por induzimento por parte de um pequena parcela que são as únicas a se beneficiarem mediante situações como essas.

> O engajamento literário leva o escritor à explicitação, criando formas do imaginário de ênfase política. Para ele, a literatura discute questões fundamentais do ser e da vida político-social e procura desenvolver estratégias discursivas tendo em vista *romper com a alienação do cotidiano que, na sociedade massificante*, leva à minimização da própria significação (Abdala Júnior, 2007, p. 271-272, grifo nosso).

Já alcançando a maioridade na fase adulta outra peculiaridade que foi capaz de causar bastante impacto na sua vida – a sua relação com o mundo do trabalho (ou a falta dele). Falar em trabalho para Orwell chega a ser irônico haja vista que o autor não pode gozar de um emprego fixo que tivesse a capacidade de satisfazê-lo pessoalmente. Além disso não existem registros que o mesmo tenha buscado uma formação acadêmica que o direcionasse a atuação como um profissional liberal qualquer favorecendo assim para que o autor obtivesse um trabalho fixo ou uma vida profissional mais estável. Passou grande parte a sua vida “flutuando” naquilo que chama hoje de “bicos” ou “*freelancer*” intercalando com longos períodos de “vagabundagem”. Essa era a denominação que ele mesmo reportava quando estava submetido a esta condição. Não tinha escolha ao assumir

uma ocupação qualquer para satisfazer suas privações materiais primárias mais urgentes, mesmo que não fosse necessariamente de sua afinidade. Essa condição funcionou como um "gatilho" para que ele se desse conta de algo maior em pleno curso – o imperialismo.

> Pouco depois de me formar (ainda não completara vinte anos) fui para a Birmânia e me alistei na Polícia Imperial da Índia. Era uma força policial armada, uma espécie de *gendarmerie* muito semelhante à Guardia Civil da Espanha ou à Garde Mobile francesa. Lá servi cinco anos. *Não gostei daquilo, que me fez detestar o imperialismo,* embora naquela época não houvesse sentimentos nacionalistas muito pronunciados na Birmânia, e as relações entre britânicos e birmaneses não fossem especialmente inamistosas (Orwell, 2007, p. 141-142, grifo nosso).

A meia década vivida como policial e consequentemente morador na Birmânia fez como que Orwell lançasse luz a uma outra questão bastante inquietante de sua época. Tal experiência como que ele se sentisse só mais uma peça como parte dessa engrenagem chamada "braço armado" do imperialismo inglês que agia sob o pretexto do "monopólio da violência" pelo Estado cujo o qual veementemente não concordava. Sob esse aspecto vigora o pensamento do sociólogo Max Weber (1993, p. 56, grifos originais) que segundo seu entendimento: "o Estado moderno não se deixa definir a não ser pelo específico *meio* que lhe é peculiar: o uso da coação física", configurando, portanto, na sua visão naquela numa sociedade em que esse fenômeno: "dentro dos limites de um determinado território corresponde a um dos elementos essenciais do Estado – reivindica *o monopólio do uso legítimo da violência física*."

O dilema, portanto, de possuir um trabalho que garantisse sua sobrevivência mesmo que isso fosse de encontro as suas convicções exultou numa longa e dolorosa experiência capaz de render espaço considerável em seus escritos. O mais famoso dele trata-se do romance "Dias na Birmânia" (1936). Nesta narrativa Orwell retrata de uma forma bem realista a experiência dessa relação de *autoridade* e *submissão* dos ingleses para com os "nativos". Sobre a atmosfera que induziu Orwell para ambientar esse escrito destaca-se que diz o biógrafo Richard Bradford (2020, p. 76): "Na Birmânia, ele produziu vários poemas que zombavam do racismo irrefletido dos europeus, e hoje sobrevivem fragmentos, escritos em papel timbrado da Polícia Imperial, do que parece ser o trecho de uma prosa de ação ambientada na Birmânia". Ciente do tema espinhoso retratado suas obras pudessem ser mal recebidas por conter forte crítica social. "*Dias na Birmânia*, foi publicado lá [EUA] antes de sair na Inglaterra, porque meu editor inglês temia que o Ministério da Índia pudesse tomar medidas para proibi-lo" (Orwell, 2013, p. 58), revelou em carta enviada para Henry Miller de 26-27 de agosto de 1936.

Outra experiência que não foi registrada em ficção mas que angariou certa

repercussão em seu íntimo e que mereceu registro em outro escrito trata-se do artigo "Atirando num elefante" datado do ano de 1936. Neste escrito, como o próprio título sugere, o romancista inglês conta o fato em que teve de abater o animal fora de controle que estava atacando, a esmo, alguns birmaneses. Relevante notar como Orwell sempre vai narrando fatos do cotidiano vividos sempre correlacionado a algo maior, do local ao universal.

Esse episódio marcou sua vida a ponto de tomá-lo por um turbilhão de sentimentos, nesse caso, não muito positivos. Disse ele: "Em Moulmein, na Baixa Birmânia, fui odiado por um grande número de pessoas a única vez em minha vida em que fui importante o suficiente para que isso acontecesse comigo" [...] (Orwell, 2020a, p. 105). Além das questões de foro íntimo, Orwell não perde a oportunidade de correlacionar em pontos mais contextualizados de forma macro que abrangem questões coletivas.

> Tudo isso era desconcertante e perturbador. Pois naquela época eu tinha já decidido que o imperialismo era uma coisa má e quanto mais cedo eu largasse meu emprego e saísse dele, melhor. Teoricamente – e secretamente, é claro – eu era totalmente a favor dos birmaneses e contra seus opressores, os britânicos. Quanto ao trabalho que eu estava fazendo, eu o detestava mais profundamente do que era capaz de expressar. Em um trabalho como esse é que se vê o trabalho sujo do Império de perto. Os miseráveis prisioneiros amontoados nas jaulas fedorentas das carceragens, os rostos cinzentos e intimidados dos condenados a longo prazo, as nádegas com cicatrizes dos homens que foram açoitados com bambus tudo isso me oprimia com um sentimento de culpa intolerável (Orwell, 2020a, p. 105-106).

Sobre o fato em si que fez com confirmasse suas convicções é este:

> Um dia algo aconteceu que de uma forma indireta foi esclarecedor. Foi um pequeno incidente em si, mas me deu um vislumbre melhor do que eu tinha antes da verdadeira natureza do imperialismo – os verdadeiros motivos pelos quais governos despóticos agem. Certa manhã, o subinspetor de uma delegacia de polícia da outra ponta da cidade me ligou e disse que um elefante estava devastando o bazar (Orwell, 2020a, p. 106).

Por fim, a situação em que estava inserido só confirmou o que vislumbrava em seu interior:

> E de repente eu percebi que, afinal, deveria atirar no elefante. As pessoas esperavam aquilo de mim e eu tinha que fazê-lo; eu podia sentir à vontade dos dois me pressionando para seguir em frente, irresistivelmente. Foi neste momento, enquanto eu estava lá com o rifle em minhas mãos, que eu compreendi primeiramente o vazio, a futilidade do domínio do homem branco no Oriente. Aqui estava eu, o homem branco com sua arma, parado na frente da multidão nativa desarmada aparentemente o ator principal da peça; mas na realidade eu era apenas um fantoche absurdo empurrado para lá e para cá pela vontade daqueles rostos amarelos atrás de mim. Percebi nesse momento que, quando o homem branco vira tirano, é sua própria liberdade que ele destrói (Orwell, 2020a, p. 110).

Estudar a vida de pessoas em condições degradantes e lançar olhar entre aqueles que são socialmente invisibilizados são também umas das principais abordagens muito

recorrentes nos escritos orwellianos. A exemplo de disso tem-se a sua experiência do abate do elefante na Birmânia que o fez reletir com maior profundidade a questão do imperialismo. Assim como, da mesma forma, as condições de trabalho degradantes da época rendeu uma obra de ficção e um artigo respectivamente. São eles: "O caminho para Wingan Pier" e "Mina abaixo". Ambos foram escritos em 1937. Aqui Orwell realiza uma verdadeira etnografia das condições de trabalho dos carvoeiros nas minhas de carvão. Esse elemento foi o combustível da 1ª Revolução Industrial e seguiu assim por muitas décadas seguintes. Nestas obras Orwell descreve com riqueza de detalhes a forma ultrajante que este tipo de trabalho acarretava aos mineiros.

Orwell não era um daqueles que se contentava em observar de longe o seu "objeto de estudo". Ele precisava participar, "sentir na pele" o que sentiam os seus semelhantes. Então trata de entrar ele mesmo na mina e de lá retém a excruciante impressão: "o lugar parece o inferno ou, pelo menos, a imagem mental que eu tenho do inferno" (Orwell, 2021c, p. 53). Em outra constatação, não menos pavorosa, diz: "Eles têm mesmo a aparência de ferro, de estátuas de ferro forjados, por baixo da fina camada de pó de carvão que gruda neles da cabeça aos pés" (Orwell, 2021c, p. 54).

Dessa forma Orwell lança luz a outro problema bastante recorrente por conta dessas transformações ocorridas em seu século. A questão trabalhista muitas das vezes não regulamentadas pressionavam os mais diversos trabalhadores a se submeterem a questões aviltantes de trabalho. Tudo isso sem nenhuma cobertura jurídica que pudesse resguardá-los em seus direitos mais primários, sobretudo em um trabalho em que a mão de obra era fundamental para agregação de valor ao capital conforme compreende-se a seguir:

> Na indústria extrativa, nas minas, por exemplo, as matérias-primas não fazem parte do adiantamento de capital. O objeto de trabalho não é aqui produto de trabalho prévio, mas presenteado gratuitamente pela Natureza. São os minérios metálicos, minerais, carvão de pedra, pedras etc. O capital constante aqui consiste quase exclusivamente em meios de trabalho que podem suportar muito bem uma ampliação do *quantum* de trabalho (turnos diários e noturnos de trabalhadores, por exemplo). Porém, permanecendo constantes as demais circunstâncias, a massa e o valor do produto sobem em razão direta ao trabalho empregado. Como no primeiro dia da produção, aqui os formadores originais do produto, portanto também os formadores dos elementos materiais do capital, homem e Natureza vão juntos. Graças à elasticidade da força de trabalho, ampliou-se a área de acumulação sem aumento prévio do capital constante (Marx, 1996, p. 236).

Outro fator importante na sua vida tem relação com a sua decisão de tornar-se escritor, pelos menos não como atividade profissional. Essa fase coincidiu justamente com a vida errante, de "vagabundo" que passou a levar durante um tempo considerável

de sua existência. Essa denominação era inclusive um dos rótulos que não só a sociedade da sua época e críticos o classificavam bem como era comum o próprio referir-se a si mesmo. Suas análises nesse pormenor não era somente referente a sua condição pessoal mas de todos os outros com quem teve de conviver e que estavam a sua volta. Como se considerava uma pessoa sem "opiniões políticas claramente definidas", isso fez com ele não se comprometesse, de todo, com qualquer ideologia, mantendo-se independente em suas posições como intelectual e sobretudo, artista.

Tanto a experiência nas minas narrada anteriormente como a vivência com os pessoas em situação de vulnerabilidade, fizeram nascer nele o "desgosto" presente a realidade; além de fazer nascer nele uma "sede" de justiça fazendo se posicionar como uma voz alternativa para aqueles que não tinham a quem defendê-los. Esse fator, decerto, politicamente falando foi favorecendo para que Orwell se tornasse uma espécie de "pró-socialista" como diz, aguçando um anseio pela concretização de uma melhor justiça social que envolviam não só a questões "globais" mas agora "locais". Essas constatações foram, de certa forma, os "convidando" a tomar partido e se dispor como agente transformador de seu tempo.

> De folga na Inglaterra, em 1927, deixei o serviço e resolvi me tornar escritor: num primeiro momento sem muito sucesso. Entre 1928 e 1929, vivi em Paris, escrevendo contos e romances que ninguém publicaria (destruí todos de lá para cá). Nos anos seguintes, vivi praticamente da mão para a boca, e passei fome em várias ocasiões. Foi só a partir de 1934 que consegui começar a viver do que ganho com meus escritos. Entrementes, cheguei a passar meses a fio em meio aos elementos pobres e semicriminosos que vivem nas piores partes dos bairros mais pobres, ou moram nas ruas, mendigando e roubando. Naquela época me associei a eles devido à falta de dinheiro; mais tarde, porém, seu modo de vida me interessou muito pelo que representava. Passei muitos meses (mais sistematicamente, dessa vez) estudando as condições de vida dos mineiros do norte da Inglaterra. Até 1930 eu não me considerava totalmente socialista. Na verdade, nunca tive opiniões políticas claramente definidas. Tornei-me pró-socialista mais por desgosto com a maneira como os setores mais pobres dos trabalhadores industriais eram oprimidos e negligenciados do que devido a qualquer admiração teórica por uma sociedade planificada (Orwell, 2007, p. 141-142).

Em seu livro "Na Pior em Paris e Londres" (1933) cuja a ideia inicial do autor era publicar sob o título de "Diário de um lavador de pratos", por si só é por demais auto explicativo. Numa versão romanceada o autor conta os momentos vivendo em extrema miséria. "Quase todos os incidentes descritos em *Na pior* realmente aconteceram, mas em momentos diferentes, e eu os entreteci de modo a construir uma história contínua" (Orwell, 2013, p. 8). Essa condição foi moldando sua concepção acerca das injustiças sociais como uma forma de obter respaldo para lutá-la contra elas de forma mais eficiente.

A condição de vulnerabilidade que se encontrava somados ao fato de ter tido a oportunidade de viver em outros países com culturas diferentes, também, contribuíram em muito na sua compreensão crítica de mundo, além de possibilitar a elaboração de comparativos com várias outras realidades diferentes.

> Procuro descrever as pessoas do nosso bairro, não por mera curiosidade, mas porque todas fazem parte da história. Escrevo sobre pobreza e tive meu primeiro contato com a pobreza neste bairro miserável. O bairro, com sua sujeira e suas vidas estranhas, foi primeiro uma lição prática de pobreza e, depois, o pano de fundo de minhas próprias experiências. É por isso que procuro dar uma ideia de como era a vida ali (Orwell, 2021f, p. 11).

Toda essa descrição foi fundamental para visualizar e entender a realidade que se passava diante de seus olhos. A forma que as pessoas vivem numa certa sociedade é também um indicativo de que mesmo em "democracias" e em "tempos de paz" muitos padecem a olhos vistos mesmo sem serem subjugados diretamente. "Como Orwell deixou claro em *Na pior em Paris e Londres*, os moradores de rua estavam sendo tratados como inconvenientes, e a infraestrutura jurídica e social fazia tudo a seu alcance para que eles 'desaparecessem', sem de fato livrar-se de vez deles" (Bradford, 2020, p. 97-98).

Por fim, outro momento delicado em que Orwell realiza uma verdadeira etnografia social trata-se de seu ensaio "Como morrem os pobres" onde relata o período quando esteve internado em um hospital. Esse escrito conta sua experiência como paciente de pelo fato de estar acometido por uma grave pneumonia. Um escrito um pouco mais longo se comparados aos outros. Mesmo convalescido Orwell não se exime de fazer um verdadeiro retrato social do local. As condições precárias do serviço de saúde e a forma desumanizada que eram tratados não só com relação a sua pessoa, mas com os outros internados à sua volta, o fez também refletir acerca de como os menos afortunadas encaravam a morte como o próprio título do escrito sugere.

> Uma manhã, meu vizinho sapateiro me acordou arrancando meu travesseiro antes que as enfermeiras chegassem. "Número 57!" – ele jogou os braços acima da cabeça. Havia uma luz na enfermaria, o suficiente para ver. Eu podia ver o velho número 57 caído amassado de lado, com o rosto esticado para fora da cama, e em minha direção. Ele tinha morrido em algum momento durante a noite, ninguém sabia quando. Quando as enfermeiras chegaram, receberam a notícia de sua morte com indiferença e continuaram seu trabalho. Após um longo período, uma hora ou mais, duas outras enfermeiras marcharam lado a lado como soldados, com um grande estardalhaço de tamancos, e ataram o cadáver nos lençóis, o qual não foi removido até algum tempo mais tarde. Enquanto isso, na melhor luz, tive como dar uma boa olhada no número 57. De fato, deitei de lado para olhar para ele. Curiosamente, ele foi o primeiro europeu morto que vi. Eu já tinha visto homens mortos antes, mas sempre asiáticos e geralmente pessoas que tiveram morte violenta. Os olhos do número 57 estavam abertos e imóveis, sua boca também aberta, seu pequeno rosto contorcido em uma expressão de agonia. O que mais me impressionou, no entanto, foi a brancura de seu rosto. Estava pálido antes, mas agora estava pouco mais escuro do que os lençóis (Orwell, 2020a, p. 49).

Essa descrição do falecimento da morte do paciente 57 demonstra não só a sensibilidade mas como Orwell conseguiu transpor os sentimentos para aperfeiçoar ao longo de suas experiências profissionais em descrever momentos graves da realidade enquanto muitos outros tentam romantizar ou até mesmo escamotear. Todos esses testemunhos que eram da sua vida e que aproveitava para produzir algum escrito ficcional ou não, foi deveras o seu maior laboratório. Assim as relações de poder entre o estado e os cidadãos sejam em momentos críticos ou não, por certo foram moldando um sentimento de tomada e posicionamento para militância em um "lado político" da sua parte. E assim mediante todas essas vivências, constatações e produções chega a uma compreensível decisão: "[...] cheguei à conclusão de que é um dever trabalhar pelo socialismo, mesmo que não se seja emocionalmente atraído por ele [...]" (Orwell, 2013, p. 8).

4.2 Um miliciano contra o fascismo espanhol

Se até agora vimos como George Orwell foi erigindo seu edifício intelectual através de experiências pessoais e que depois, de alguma maneira, foram devidamente registradas em suas obras; agora partimos para um momento *sui generis* na sua trajetória – a de "escritor militante". Pode-se encarar esse momento como aquele em que o pensador se abstém (em parte) do embate intelectual para seguir em direção ao confronto físico literalmente falando. Decerto a primeira ação, pelo fato de atuar estritamente no campo ideológico, costuma obter resultados mais lentos se comparado ao segundo; mas de certa forma ambas as ações se complementam. Num movimento como esse primeiro constrói-se a ideia, depois parte-se para a prática que se dá com a realização daquilo que foi formulado na mente.

Assim fora ao longo da história com as grandes transformações da sociedade através de suas constantes revoluções e contrarrevoluções. Conforme visto, como forma de aumentar seu cabedal crítico – seja de forma voluntária ou por uma imposição – Orwell acumulou no decorrer de sua vida as mais variadas experiências em diversos países diferentes. Em algumas dessas ocasiões se submeteu a situações degradantes além de colocar sua vida em risco em prol de um ideal. Um dos países que mais teve a função de lhe causar impactos, de toda ordem, certamente foi a Espanha, mas não uma "Espanha ordeira" em tempos de paz e sim em plena ebulição político-social.

Historicamente, já nos séculos passados, os espanhóis vinham de uma sucessão de transformações que impactaram negativamente a sua economia interna. Esses fatores mergulharam a nação catalã num caldeirão de eclosão e de significativas convulsões sociais. De certa forma, por esse motivo, o país ficou vulnerável a discursos populistas que se arvoravam como "redentores" capazes de suplantar a crise social instalada. O Estado espanhol sofria as consequências das guerras napoleônicas e das perdas de esquadras fazendo com que não fosse mais considerada um potência naval. Isso sem falar do duro golpe de sucessivas perdas da colônias em todo globo e que hoje todo o estudo desse processo, em todos os níveis, cientificamente se denomina: "decolololonização".

Acerca desse período destacam os pesquisadores José Carlos Sebe Bom Meihy e Cláudio Bertolli Filho (1996, p. 9):

> Na segunda metade do século XIX, a Espanha havia perdido todo o imenso território colonial. Como uma parcela considerável do ouro, da prata e das mercadorias que sustentavam o Estado espanhol era fruto da exploração colonial, a independência das colônias fez com que a antiga metrópole caísse em profunda miséria. A crise econômica trouxe a alta dos preços dos alimentos, a fome e graves epidemias, que abateram ainda mais o ânimo dos antigos colonizadores. O golpe fatal no império espanhol deu-se em 1898, quando a Espanha perdeu suas últimas colônias: Cuba e Porto Rico, no Caribe, e as Filipinas, no oceano Pacífico.

Esse contexto externo de "perdas" somados a diversos outros fatores de ordem interna resultaram no século posterior, em especial nos meados da década de 30, naquilo que a historiografia classificou como Guerra Civil Espanhola. Em outras palavras o empobrecimento da população e a instabilidade das instituições acabou por enfraquecer uma possível consolidação da democracia através de suas "repúblicas" recém implantadas. Mesmo tendo se desvinculado da monarquia estribada devido ao forte e irrestrito apoio da Igreja Católica e do Exército a instabilidade de representatividade política acabou deixando a Espanha a mercê da disputa aberta de sucessivas lideranças de matizes ideológicas distintas.

Essa desestabilização acabou favorecendo, por fim, no confronto aberto de dois lados a saber: os nacionalistas (encabeçado pelo general Francisco Franco) e os republicanos (uma coalizão esquerdista) nem sempre homogêneos. O primeiro contava com o apoio militarista e externo de Hitler e Mussolini (que se valeram do conflito como um "laboratório" de teste de armamentos que seriam utilizados nas guerras posteriores rebaixando os combatentes de ambos os lados a um nível de meros "cobaias"); enquanto que os progressistas tentavam manter o poder da república instalada apoiados, sobretudo,

pelo Kremlin Soviético que não hesitava em fornecer apoio ideológico, de inteligência e militar.

> Surgiram dois outros eixos de conflito: o centralismo estatal contra a independência regional e o autoritarismo contra a liberdade do indivíduo. As forças nacionalistas da direita eram muito mais coesas porque, com poucas exceções, combinavam três extremos coesivos. Eram ao mesmo tempo de direita, centralistas e autoritárias. A República, por outro lado, constituía um caldeirão de incompatibilidades e suspeitas mútuas, com centralistas e autoritários, principalmente comunistas, enfrentando a oposição de regionalistas e libertários (Beevor, 2012, p. 25-26).

O que ocorria no país espanhol paralelo ao amadurecimento das convicções pessoais do autor permitiu que essa confluência funcionasse como uma espécie de "ponto de fusão" de variantes fundamentais em sua vida tanto no campo artístico como pessoal que culminou como veremos no fim em sua experiência de "quase morte". Um conflito capaz de congregar artistas de renome da comunidade internacional, dentre eles os romancistas americanos Ernest Hemingway e John dos Passos sem falar do francês Antoine de Saint-Exupery. A adesão de artistas desse quilate além de chamar atenção da comunidade internacional ao que vinha ocorrendo, em solo espanhol, influenciou diretamente no fazer artístico da época em todas suas dimensões.

Embora artistas e escritores se portem declaradamente como avessos a toda e qualquer forma de violência, em casos extremos, muitos defendiam que para combater o autoritarismo, a luta revolucionária e o "pegar em armas" seria um "remédio amargo" a ser tomado. Ao que tudo indica Orwell era signatário também desse entendimento pois abertamente defendia: "No entanto, não concordo com a atitude pacifista, como creio que você acredita. Ainda acho que é preciso lutar pelo socialismo e contra o fascismo, quer dizer, lutar fisicamente com armas, só que é preciso descobrir quem é quem" (Orwell 2013, p. 73). Esse posicionamento foi revelado em carta dirigida ao também escritor inglês Rayner Heppenstall no dia 31 de julho de 1937.

A pesquisadora Carolina da Purificação Costa em seu relevante trabalho: "'*Una resolución, luchar hast'al fin!*': a experiência da Guerra Civil Espanhola nos escritos de George Orwell" de forma geral, se reporta a um outro autor no sentido expor que as possíveis motivações que influenciaram Orwell a tomar essa radical medida é bem mais complexa do que defendem alguns estudiosos de sua vida e obra.

> Pepe Gutiérrez-Álvarez em seu texto, *Orwell, un poumista atípico*, debate a possível motivação de Orwell, discordando inicialmente de outros críticos que veem a ida do escritor somente como tentativa de preencher um vazio literário, decorrente da sua não participação durante a Primeira Guerra Mundial, e, consequentemente, a sua não integração a um coletivo de escritores que tiveram como objeto de denúncia literária a crueza e horrores da guerra. O

> autor espanhol considera tal fator de influência como válido, porém acredita que somente um somatório de causas levaria Orwell até a Espanha (Costa, 2013, p. 54-55).

"Lutando na Espanha: Homenagem à Catalunha" (1938) esse é, em linhas gerais, o principal escrito que narra, com riqueza descritiva, desde a sua preparação como voluntário, impressões sobre o desenrolar, ações nas linhas de frente, crítica aos modo de agir de determinados grupos. Em suma, trata-se de um verdadeiro compilado de suas experiências no campo de batalha que tem a capacidade de vislumbrar um retrato geral do que foi conflito sob a ótica de um combatente estrangeiro.

No Apêndice I dessa obra Orwell, despido de toda e qualquer motivação estritamente pessoal, justifica sua tomada de posição de forma bastante enfática: "[...] Se você tivesse me perguntado por que eu havia entrado para a milícia, eu responderia: 'Para lutar contra o fascismo' e, se você me perguntasse pelo que eu estava lutando, eu responderia: 'Pela decência geral'" [...] (Orwell, 2021g, p. 141). Essa citação demostra como tinha uma posição firme e ao mesmo tempo incontornável em "derrotar o fascismo", sendo que as discussões e/ou sobre os meios empregados para se chegar a esse objetivo, sejam elas apropriadas ou não, acabavam ficando em segundo plano.

Outro fator que esse posicionamento revela tem a ver como sua luta política acaba se tornando um imperativo tão forte em sua vida pessoal que não foi capaz de o impedir de ser participante de suas atividades como ativista. É que mesmo passando por relevantes momentos envolvendo questões pessoais tal como o seu matrimônio da onde se depreende, que ao contrário do que se possa imaginar, sua agora esposa demonstrava estar de pleno acordo e dava todo apoio não só a sua vida como escritor, mas, agora também de "guerrilheiro". "Casei-me em 1936. Praticamente na mesma semana irrompeu a Guerra Civil Espanhola. Tanto minha mulher como eu quisemos ir para a Espanha e lutar pelo governo espanhol" (Orwell, 2007, p. 142). A experiência espanhola só confirmava o que Orwell vinha escrevendo em seus escritos variados, sustentando suas críticas ao modo de governar stalinista fazendo com que se alinhasse, num primeiro momento, mais às doutrinas trotskistas.

> Ao chegar à Espanha, Orwell estava ainda em um período de "lua de mel" com os comunistas. Embora tivesse repugnância pelos "Processos de Moscou", não generalizava as implicações dos fatos acontecidos para todos os comunistas que estavam fora da União Soviética. Explica-se, assim, a falta de percepção inicial por parte de Orwell quanto às sutilezas da disputa fratricida entre grupos de combatentes na ala republicana, que transformava a guerra num conflito "triangular". Havia os fascistas, ajudados pela Itália e Alemanha; os comunistas, auxiliados pela Rússia, e os anarquistas. Para os comunistas espanhóis, a sujeição às determinações do Comintern se fazia

> muitas vezes mais no sentido de visar os interesses da política externa de Stalin nos anos 1930 do que, aquilo que seria esperado em uma situação de guerra, os interesses dos republicanos espanhóis (Gohn, 2009, p. 218).

Naquele momento o foco de Orwell estava totalmente voltado para o que acontecia no território espanhol. Como observador e atento a todo e qualquer movimento social, de grandes proporções ou não, essa experiência foi uma das que mais teve o poder de reter sua atenção A pluralidade do movimento fez com que tomasse uma posição, muitas das vezes não compreendidas por muitos, num primeiro momento. Embora possa denotar uma ideia de "adesão das massas", "união" e "coesão" em prol de uma causa em comum essa "praga de iniciais" como Orwell se reportava a esse fenômeno e nada ou pouco contribuiu para que a coalizão progressista alcançasse o sucesso no final.

> A atmosfera revolucionária de Barcelona havia me atraído profundamente, mas não fiz nenhuma tentativa de entendê-la. Quanto ao caleidoscópio de partidos políticos e sindicatos com seus nomes cansativos – PSUC, POUM, FAI, CNT, UGT, JCI, JSU, AIT – eles apenas me exasperaram. A primeira vista, parecia que a Espanha estava sofrendo de uma praga de iniciais (Orwell, 2021g, p. 141).

Toda essa confluência de facções esquerdistas como dito, não necessariamente concordantes umas com as outras, alcançou seu ponto de fricção nas chamadas "Jornadas de Maio de 1937". Nessa batalha que aconteceu em Barcelona que estava "fatiada" com dominação de diferentes grupos. O conflito foi gerado principalmente pelo controle da sede da central Telefônica que no momento estava de posse dos "anarquistas" e do Partido Operário de Unificação Marxista – POUM a qual Orwell fazia parte. Do outro lado estavam os estalinistas do Partido Socialista Unificado da Catalunha – PSUC e do Partido Comunista Espanhol – PCE. Inclusive investindo contra seu principal expoente Andreu Nin que culminou no seu assassinato tudo operacionalizado pelos agentes moscovitas do Comissariado do Povo para Assuntos Internos – NKVD. Para alguns historiadores esse fato foi crucial para derrocada do movimento, pois o POUM foi dissolvido culminado na perseguição e prisão de todos que faziam parte dele incluindo Orwell.

Já era de conhecimento geral que Orwell apresentava graves ressalvas a forma de agir stalinista tanto em território russo e agora bem mais incisivo fora dele. Sua posição no intuito de se encaixar nas fileiras escolhidas foi mais que previsível. "O escritor chegou ao POUM, devido às relações que possuía com membros do ILP (*Independent LabourParty*)" (Costa, 2013, p. 60). Quem se opõe a Stálin quase naturalmente é levado a se tornar trotskista. Não se trata de "demonizar" um e "santificar" o outro.

Talvez se Trotsky tivesse assumido o poder o líder poderia ser igual ou até mais

severo se comparado ao seu opositor Stálin, haja vista ser ele o fundador e chefe maior o chamado Exército Vermelho, formação armada que não abriu mão de se radicalizar quando era necessário. Com efeito, Orwell nutria um certo orgulho e empatia ao fazer fileira como militante e combatente marxista do POUM. Mas essas divergências colocavam em lados opostos aqueles que lutavam em prol do mesmo objetivo – impedir a tomada de poder pelo fascismo franquista à espreita que aproveitava fragilidades como essas para avançar.

> Nos primeiros estágios da guerra, os estrangeiros viviam praticamente desinformados das lutas internas entre os vários partidos políticos que apoiavam o governo. Devido a uma série de acidentes, entrei não para as Brigadas Internacionais, como a maioria dos estrangeiros, mas para a milícia do POUM – os trotskistas espanhóis (Orwell, 2007, p. 142).

Leon Trotsky embora o fim que levou foi (e é) uma figura fundamental para se entender todo o contexto. Sua oratória e facilidade com a escrita através de sua vasta bibliografia com a temática revolucionária eram pontos positivos com relação a sua pessoa dentro do movimento. Defendia fazer a revolução por etapas e sobretudo com a tomada de consciência dos campesinos somada a importância de se fazer uma reforma profunda na sociedade para combater todo e qualquer tipo de fascismo a longo prazo. Assim como seu "admirador" não ficou alienado aos acontecimentos na Espanha escrevendo recorrentes declarações públicas acerca de seu posicionamento, sempre sob a atenção não só da comunidade internacional, mas do kremlin. Tudo indica que a repulsa por Stálin tenha aproximado Orwell das ideias e modo de agir de seu opositor Trotsky.

Na edição que traz uma série de compilação de cartas do autor em uma nota escrita pelo editor Mario Sergio Conti – referindo-se a sua obra mais conhecida – há indício dessa ressalva: "[...] um dos personagens principais de *1984*, Emanuel Goldstein, foi calcado no revolucionário russo; e a oposição do escritor ao stalinismo está embebida das suas leituras de Trótski" (Conti, 2013, p. 27). Assim não seria exagero afirmar que para seus seguidores os trotskistas suas doutrinas funcionassem como um farol e por que não dizer também uma certa "bússola moral" haja vista que era muito recorrente ele críticas e apregoar pra todo mundo as atrocidades cometidas por Stálin.

Na citação a seguir especificamente sobre a guerra em curso o exilado russo parecia profetizar algo não muito bom para o movimento ao mesmo tempo que alerta sobre o que deveria ser feito para que isso não venha a ocorrer.

> Considero que esta fórmula [vencer a guerra] é fatal para a revolução espanhola. Ao não ver as diferenças radicais entre os dois programas na realidade, as massas trabalhadoras, em especial os camponeses, caem na

> indiferença. Nessas condições, o fascismo vencerá inevitavelmente, porque a superioridade militar está ao seu lado. Reformas sociais audazes representam a arma mais potente na guerra civil e a condição fundamental da vitória sobre o fascismo (Trotsky, 2014, p. 180).

Complementando sua posição na seguinte:

> O fato de que a guerra se prolongar é consequência do programa conservador burguês da Frente Popular, ou seja, da burocracia stalinista. Quanto mais tempo durar a influência da política da Frente Popular no país e na revolução, maior será o perigo de que as massas acabem se exaurindo e se desmoralizando, e que o fascismo consiga a vitória militar. A responsabilidade por essa situação recai diretamente sobre os stalinistas, os socialistas e os anarquistas ou, mais precisamente sobre seus dirigentes, que subordinaram a revolução aos interesses da burguesia (Trotsky, 2014, p. 191).

Por fim, vale registrar um episódio que foi fundamental em sua vida e que apesar de quase ter dado cabo a ela teve reflexos diretos nas suas produções seguintes. Como lhe era peculiar narra todo o acontecimento em riqueza de detalhes. Conta que ele e outros estavam em Huesca mas que depois foram enviados para um "reduto fascista" que já haviam capturado nas semanas passadas. Segundo ele não havia já grandes acontecimentos neste *front* de batalha, a não ser alguns estouros de granadas e fuzis ao longe. Não só neste momento mas em vários outros pontos da obra ressaltava a desvantagem bélica com relação aos seus opositores, mesmo que em determinado momento, achasse divertido atirar a esmo nos fascistas sem que estes tivessem a capacidade de perceber de onde vinham os tiros.

É quando em meio a essa situação aparentemente tranquila, Orwell sem se dá conta do que ainda era se vê tomado por uma "sensação de fraqueza absoluta, de ter sido batido e reduzido a nada" (Orwell, 2021g, p. 104). Individualmente, sua participação chegava ao ápice de uma maneira não muito favorável. E assim recebe um tiro no pescoço que não só o tira de combate mas quase da vida. A partir dali começa a narra como se deu seu resgate pelos companheiros e de como teve a certeza da morte. Ainda sem dar conta do que realmente havia conhecido é alertado por uma "sentinela norte-americana" parceira de combate sua.

> – Puxa! Você está ferido?
>
> Formou-se um grupo de pessoas ao meu redor, bem como a agitação comum a essas ocasiões.
>
> – Levantem o homem! Onde está ferido? Abram a camisa dele! Etc. (Orwell, 2021g, p. 104).

O que se segue depois disso são as ações de socorrer Orwell e fazê-lo sobreviver, tendo como testemunha atenta de cada passo o miliciano inglês aparentemente "mortamente" ferido.

> [...] Quando tentei falar, descobri que perdera a voz e só conseguia emitir um guincho dos mais débeis, mas, na segunda tentativa, tive êxito em perguntar onde estava ferido. "Na garganta", disseram. [...]
>
> Assim que soube que a bala atravessara o pescoço de fora a fora, achei naturalíssimo que ia morrer. Jamais ouvi falar em homem ou animal que recebesse uma bala pelo meio do pescoço e conseguisse sobreviver. O sangue escorria pelo canto da boca, e cá comigo pensei: "Lá se foi a artéria!" Fiquei a imaginar quanto tempo alguém dura quando a carótida é cortada; não deviam ser muitos minutos. Tudo estava muito confuso. Devem ter transcorrido uns dois minutos nos quais pensei estar morto (Orwell, 2021g, p. 105).

Os sentimentos e pensamentos que pesam nessa hora, também, não deixam de ser muito significativos valendo a pena citá-los:

> E também isso foi muito interessante, quer dizer, é interessante saber quais seriam os pensamentos numa hora daquelas. Meu primeiro pensamento, coisa bastante convencional, foi para minha mulher. O segundo foi o rancor violento por ter de deixar este mundo que, diga-se lá o que disserem, para mim é muito agradável. Tive tempo de sentir isso com muita vividez. O caráter fortuito e estúpido da coisa enchia-me de fúria. A falta de sentido naquilo tudo! Ser liquidado, nem mesmo em batalha, mas naquele canto sujo de trincheira por causa do descuido de um instante! Pensava também no homem que me acertara – se era espanhol ou estrangeiro, sua aparência, se sabia que me acertara e assim por diante. Não conseguia sentir qualquer raiva dele. Achava que, sendo ele um fascista, eu teria dado cabo de seu canastro se pudesse, mas que, se ele fosse aprisionado e trazido ali, naquele instante, eu simplesmente lhe teria dado parabéns pelo belo tiro (Orwell, 2021g, p. 104-105).

Esse momento é representativo no sentido de traçarmos um paralelo como muitos outros que estiveram na mesma condição mas que não tiveram a mesma sorte que Orwell em sobreviver para depois contar a história seja qual fosse o lado defendido. Estima-se que depois de intensos três anos de conflito todo esse combate tenha resultado na morte de quase meio milhão de pessoas dentre combatentes e população civil. Mesmo com o conflito intenso e forma aguerrida por parte das tripas progressistas o conflito acabou abrindo espaço para aquilo que os republicanos mais temiam o franquismo e o pior com o devido reconhecimento institucional dos EUA. Através da "vitória nacionalista", o regime autoritário que perdurou até o ano de 1975 somente findando com a morte de seu expoente. O pior para Orwell, acabou não sendo somente o tiro que levou, mas, sobretudo o triunfo daquilo e daquele contra tanto ele e seus parceiros lutaram.

Vista como um prelúdio do que estava por vir como a 2ª Grande Guerra, as consequências desse conflito são sentidas até hoje. Comumente tem surgido descoberta de novas covas coletivas de desaparecidos sendo achadas nas regiões onde aconteceram

as batalhas mais intensas. Foi também graças as essas batalhas que surgiu o termo “No Pasarán!” (“Não Passarão!”) muito utilizado atualmente como palavra de ordem para combater atitudes fascistas. Não à toa também essa guerra tenha sido retratada nos mais tipos de arte desde livro a filmes; sem falar da obra “Guernica” (1937) quadro pintado por Pablo Picasso que retrata o ponto máximo da guerra na qual os pilotos nazistas bombardearam, sem trégua, a cidade de mesmo nome deixando milhares de mortos, feridos e desabrigados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das páginas deste trabalho percebe-se que quanto mais se lê e nos aprofundamos nas obras de Orwell mais nos aproximamos da principal característica de seus escritos – *o combate ao totalitarismo*. Apesar da curta vida, Orwell deixou uma obra considerável podendo ser estudada pelos mais variados campos humanísticos. Sejam nas resenhas dos livros lidos, nos textos jornalísticos, nos ensaios, nas cartas, diários e ficções (sejam elas novelas ou romances) tudo que procurou fazer nada se distância de seu propósito de vida ao seu desígnio maior não só como escritor mas sobretudo como humano e agente transformador do meio em que vive.

> Concluir que é dever do escritor "ficar fora da política"? De forma alguma! Em todo caso, como já disse, pessoa pensante nenhuma pode, ou mesmo consegue, ficar fora da política numa época como a nossa. Sugiro apenas que é preciso, de uma forma mais nítida do que atualmente se faz, estabelecer uma distinção entre as lealdades política e literária, reconhecendo que a disposição para *fazer* certas coisas desagradáveis, mas necessárias, não implica qualquer obrigação de se engolirem as crenças que em geral vêm junto. Quando um escritor se engaja na política, deve fazer isso como cidadão, como ser humano, mas não como *escritor* (Orwell, 2021b, p. 56, grifos originais).

Manteve-se fiel ao seu propósito, mesmo que sua posição custasse sua reputação entre o meio político legando um tema tão atual e que pelo visto permanecerá assim durante um bom tempo. Não só se contentou a combater ao lado dos "mais fracos" como se submeteu a estar entre eles. Orwell não defendia os oprimidos, em certo ponto ele era o próprio oprimido! Isso de certa forma fez com que o romancista inglês não ficasse alheio e alienado ao que estava acontecendo de mais grave em volta, uma atitude quase natural para um intelectual dotado de consciência crítica peculiar:

> Nossa época é política. Guerra, fascismo, campos de concentração, cassetetes de borracha, bombas atômicas, etc. entram em nossos pensamentos cotidianos e, consequentemente, em grande parte do que escrevemos, mesmo quando não usamos essas palavras especificamente. É inevitável. Se você estiver num navio afundando, seus pensamentos serão sobre navios que estão afundando (Orwell, 2021b, p. 48-49).

Seu estudo é importante também no sentido de entendermos como *totalitarismo* e a *literatura* estão em constate ponto de fricção numa espécie de combate mútuo eterno. São incompatíveis como "água" e "óleo" por natureza, um ganha espaço quando o outro se faz omisso. A *subsistência* de um depende da *supressão* do outro. Nesse sentido o que melhor escolher: adesão aos sistemas *totalitários* ou a *literatura*? Para a vida humana somente a última alternativa interessa.

O seu apoio irrestrito ao combate do fascismo e dos seus principais expoentes

acarretou numa espécie de repulsa irretratável à figuras autoritárias como Mussolini, Hitler, Stálin, Franco. Isso demonstra a importância de sair do discurso e partir para a prática demonstrado estar ele intimamente atento as questões sociais, as pessoas quando estas estão sofrendo sob as mais diversas formas de opressão. E infelizmente isso não tem acontecido somente por parte não só de governos autoritários mas muitas das vezes também em nações que se auto intitulam estarem em pleno vigor de suas democracias.

Embora tenha sido exaustivamente denunciado não só por Orwell mas também por outros autores essa mazela parece ser uma constante embora a humanidade já tenha passado pelos mais diversas experiências nada positivas. Eis um dos motivos pelo qual a abordagem desse tema ainda tem sido tão necessário. Passamos por genocídios, guerras, bombas atômicas, governos despóticos, levando muitos a erroneamente a imaginar: "pronto, estamos vacinados. Não passaremos por isso novamente! Podemos devolver os livros de Orwell à estante." Correto? Ledo engano! Embora sua obra e de outros tenham denunciado, combatido não quer dizer que governos fascistas (ou com tendências) tenham sido impedidos de surgirem de forma absoluta.

O que mais se tem visto são certas lideranças políticas impingindo força através de guerras, violações de direitos humanos e catástrofes humanitárias. Essa constatação encontra eco no recente movimento americano: *"Make Orwell fiction again"* em tradução livre para o português: "façam Orwell se tornar ficção novamente".

Como em alguns países orientais tais como a China mais especialmente na Coréia do Norte na contemporaneidade Orwell ainda tem sido bastante necessário. A sua obra mais relevante nesse sentido "1984", por exemplo, foi retirado dos motores de busca na já limitada *internet* chinesa. Assim suas ideias têm se demonstrado o "terror" de alguns países que cogitem implantar um sistema político dessa natureza. "Descrever uma situação como 'orwelliana' é anunciar a distopia: o triunfo da força, do sadismo e da demagogia sobre o humanismo." Isso foi dito por Christopher Hitchens (2021, p. 230-231) no posfácio à edição inglesa de "Homenagem à Catalunha" (2001).

Essa ideia ressalta a importância de não ficarmos omissos quanto a questões como essas, pois muito embora essas tenham sido (em parte) "em vão" combatidas não devemos (nem temos o direito), em nenhuma hipótese e situação, ficar indiferentes a esses tipos de desmandos para não incorrer no alerta como mais uma vez bem frisou Orwell na parte três de seu ensaio "Dentro da Baleia" onde diz:

> [...] Dizer "eu aceito" em uma época como a nossa é dizer que você aceita campos de concentração, cassetetes de borracha, Hitler, Stálin, bombas,

> aviões, comida enlatada, metralhadoras, golpes, expurgos, lemas, esteiras de linha de produção, máscaras contra gás, submarinos, espiões, arruaceiros, censura à imprensa, prisões clandestinas, aspirinas, filmes de Hollywood e assassinatos políticos [...] (Orwell, 2021c, p. 17).

Por fim deparamos com outra característica marcante com relação aos seus posicionamentos e que aparenta ter surtido efeito, e que diz respeito a sua sabedoria em adotar uma postura "neutra" em meio a tantas divergência políticas. Não era do feitio de Orwell levar a militância política as últimas consequências sem discernir quando as atitudes políticas ultrapassam os limites democráticos. Não precisou "se vender" ou fazer parte do "sistema" para melhor entendê-lo. Por isso é muito comum ver agentes políticos tanto do espectro de direita como de esquerda reivindicarem suas obras como forma de fundamentar tanto suas críticas como embasamentos, ficando além do embate rasteiro que muitas da vezes o debate político descamba. Assim Orwell deixa a lição que há sempre algo maior que tudo isso em jogo como as garantias dos direitos e liberdades individuais conquistados, dos Diretos Humanos, da preservação da vida humana e da garantia da ordem e do Estado Democrático de Direito.

REFERÊNCIAS

OBRAS DE GEORGE ORWELL

ORWELL, George. A revolução dos bichos: 1984. Tradução de Willians Glauber, Claudio Carina, Sonia Carvalho. Porto Alegre: CDG, 2021a.

_____. A literatura, os escritores e o Leviatã. Tradução de Jorge Bastos Cruz. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021b. (Coleção Biblioteca Diamante).

_____. Dentro da baleia e outros ensaios. Tradução de Karla Lima. Jandira, SP: Principis, 2021c.

_____. Fascismo e democracia. Tradução de Alexandre Pires Vieira. São Paulo: Montecristo Editora, 2021d.

_____. Um pouco de ar, por favor! Tradução de Carlos Kiss. Brasil: Pé da letra, 2021e.

_____. Na Pior em Paris e Londres. Tradução de Souza e Cruz. 1ª ed. Londrina, PR: Livrarias Família Cristã, 2021f.

_____. Lutando na Espanha: homenagem à Catalunha. Tradução de Souza e Cruz. 1ª ed. Londrina, PR: Livrarias Família Cristã, 2021g.

_____. Ensaios. Tradução de Fabrício Zuccherato, Ana Paula Bonjani, Flamarion Caldeira Ramos. Brasil: Pé da Letra, 2020a.

_____. Sobre a verdade. Tradução de Claudio Alves Marcondes. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

_____. O que é fascismo? e outros ensaios. Tradução de Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. Uma vida em cartas. Tradução de Pedro Maia Soares. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. “Prefácio do autor à edição ucraniana”. *In*: ORWELL, George. A Revolução dos Bichos: um conto de fadas. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

OBRAS TEÓRICAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Literatura, história e política. 2ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

ANTÔNIO DE ASSIS, A. A Ara Pacis Augustae na Itália fascista: breve análise sobre a reagrupação dos fragmentos a partir do Cinegiornale Luce. Revista Discente Ofícios de Clio, v. 5, n. 9, p. 451, 15 set. 2022.

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARISTÓTELES. A Política. Edição bilíngue, grego-português. Tradução de Antônio Campelo Amaral e Carlos Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: As consequências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1999.

BEEVOR, Antony. A Batalha pela Espanha: A Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2012.

BRADBURY, Ray. Farenheit 451. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2012.

BRADFORD, Richard. Orwell: Um homem de nosso tempo. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Tordesilhas, 2020.

BUADES, Josep M. A Guerra Civil Espanhola. São Paulo: Contexto, 2013.

CHURCHILL, Winston. Memórias da Segunda Guerra Mundial. Tradução de Vera Ribeiro e Gleuber Vieira. 1ª ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

DIKÖTTER, Frank. Como ser um ditador: o culto à personalidade no século XX. Tradução de Paula Diniz. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

FEST, Joachim. Hitler. Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro [*et al*.]. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2010.

FESTINGER, Leon. Teoria da Dissonância Cognitiva. Tradução de Eduardo Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FINCHELSTEIN, Federico. Do fascismo ao populismo na história. Lisboa: Edições 70, 2019.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e ideologia. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOHN, C. George Orwell e os desdobramentos literários de uma presença no front. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 217–224, 2009. DOI: 10.17851/2317-2096.19.2.217-224. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18284. Acesso em: 23 abr. 2024.

HITCHENS, Christopher. "Repensando *A revolução dos bichos*" (posfácio). *In*: ORWELL, George. A Revolução dos Bichos: um conto de fadas. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HITCHENS, Christopher. A vitória de Orwell. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOBBES, Thomas. Leviatã ou matéria, forma, e o poder de um estado eclesiástico e civil. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). Tradução de Marcos Santarrit. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOW, Irving. “1984: A história como pesadelo”. *In*: ORWELL, George. 1984. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KERSHAW, Ian. Hitler. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo civil: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil. Tradução de Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994 – (Coleção clássicos do pensamento político).

LOSURDO, Domenico. Stalin: história crítica de uma lenda negra. Tradução de Jaime A. Clasen. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

MANN, Thomas. Um Percurso Político: da Primeira Guerra Mundial ao Exílio Americano. Tradução de Teresa Seruya, Gilda Lopes Encarnação e Sara Seruya. Lisboa: Bertrand Editora, 2016.

MEIHY, José Carlos S. B.; Bertolli Filho, Cláudio. A Guerra Civil Espanhola. São Paulo: Ática, 1996.

MIRANDA, Jorge. “Os partidos políticos no regime democrático”. *In*: Revista *Populus*. Escola Judiciária Eleitoral - nº 7, 2019.2. Salvador: Tribunal Regional Eleitoral da Bahia, 2019.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Barão de: O Espírito das Leis. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

NAPOLITANO, M.; JUNQUEIRA, M. A. “Como historiadores e professores devem lidar com negacionismos e revisionismos.” *In*: Negacionismos e Revisionismos: o conhecimento histórico sob ameaça. Evento científico do Departamento de História da FFLCH / USP – Universidade de São Paulo. 7 a 9 maio, 2019.

NOVINSKY, Anita. “Os regimes totalitários e a censura”. *In*: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.) Minorias silenciadas: histórias da censura no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial/Fapesp, 2002.

RICKS, Thomas E. Churchill & Orwell: a luta pela liberdade Tradução de Rodrigo Lacerda.1ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

RIVAS, José Luis Barreiro. “Totalitarismo”. *In*: Dicionário de Filosofia Moral e Política. Coord. António Marques e Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Instituto de Filosofia da Nova, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. Que é literatura? 3ª ed. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática. 2006.

SEGRILLO, Ângelo. Karl Marx e a Revolução Russa. Estudos Históricos, v. 30, n. 61, p. 473-496, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s2178-14942017000200010. Acesso em: 25 mar. 2024.

SERGE, Victor. O Ano I da Revolução Russa. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ensaio, 1993.

SERRANO, Pedro E. A. P. “Autoritarismo líquido e as novas modalidades de prática de exceção no século XXI”. In: THEMIS: Revista da ESMEC / Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará. Fortaleza. v. 18, n.1, 2020.

SERVICE, Robert. Lenin: a biografia definitiva. Tradução de Eduardo Francisco Alves. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”. Tradução de Bruno Alexander. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2018.

TONET, Ivo; LESSA, Sérgio. A grande Revolução Russa (1971-1921). Coletivo Veredas, 2018.

TRAVERSO, Enzo. As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita. Tradução de Mônica Fernandes, Rafael Mello, Raphael Lana Seabra. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2021.

TROTSKI, Leon, A Revolução Espanhola: Compilação, São Paulo: Iskra, 2014.

ULRICH, Volker. Adolf Hitler: os anos de ascensão: 1889-1939. Tradução de Renate Müller, Karina Janini, Petê Rissatti, Simone Pereira. Barueri, SP: Amarilys, 2015.

WEBER, Max. Ciência e Política: duas vocações. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1993.

MAQUIAVEL, Nicolau. Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio. Tradução de Sérgio Bath. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

HITCHENS, Christopher. “Posfácio à edição inglesa”. *In*: Orwell, George. Homenagem à Catalunha. Tradução de Claudio Alves Marcondes. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.